

III Prêmio Reinaldo Roels Jr  
Inscrição Seminário

A Síntese  
Entre  
A Arte  
Arquitetura e  
Paisagem

não cabe em uma fotografia

Projeto

Ponto de Orvalho



Patricia Borges  
2017

# SOBRE NIEMEYER

Quando criança eu morava em Brasília.  
Ciente que Deus havia criado tudo ao meu redor, sabia apenas que Ele morava no céu.  
Enquanto admirava seus belos feitos naquela terra vermelha,  
confesso que nutria certa dúvida à respeito de sua existência física.  
Aos 4 anos, muito me impressionei ao ver sua foto - sem a barba branca.  
É uma foto antiga, minha mãe explicou, sem dar-se conta do equívoco.  
Ele me parecia uma pessoa normal. Quanta ignorância a minha.  
Vi que ele projetava com desenhos, e me meti a desenhar.  
Entendi que era preciso materializar os projetos. Resolvi ser arquiteta.  
Descobri a importância do olhar. Aprendi a fotografar.  
Precisando lidar com minhas fragilidades e emoções, veio a arte.



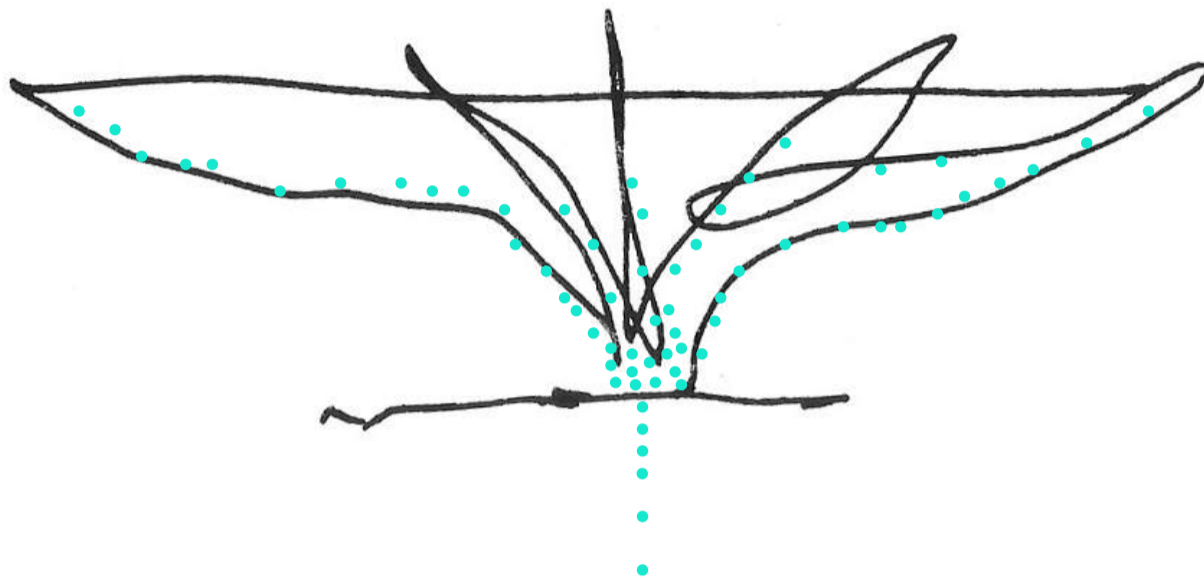
Diversas vezes me explicaram o que Criação quer dizer.  
Criar uma instalação para o MAC, em vários sentidos me parecia  
uma blasfêmia. Mas ao mesmo tempo uma honra. Tentação.  
Intervir em uma obra de Niemeyer é algo enorme. Ele está ali.  
Total harmonia entre arquitetura e paisagem natural.

Respeitando as duas coisas, me imponho algumas limitações para o projeto.  
No meu conceito, a instalação proposta precisaria ser ou parecer efêmera.  
Acontecer sem interferências no concreto moldado, sem edificar.  
Não se pendura nada numa obra dessas, não se amarra,  
não se imprime, não se corta, perfura a alvenaria, nem nela se fixa algo.  
Arquitetura do mestre não é um suporte;  
é para ser admirada, usada, ocupada, percorrida.  
Por pessoas.  
Pela obra de arte.

Que a obra de arte, então, tome vida e percorra a sinuosidade do museu.

Outra limitação imposta seria em relação aos materiais utilizados:  
não deveria ser poluente, nem de origem animal.

# MAC



*“A arquitetura decorreu espontânea como uma flor.*

*No terreno, minha ideia foi acentuar a entrada do museu, desenhando a rampa externa. Um passeio ao redor da arquitetura.*

*E senti que o museu seria bonito e tão diferente dos outros que ricos e pobres teriam prazer em visitá-lo.”*

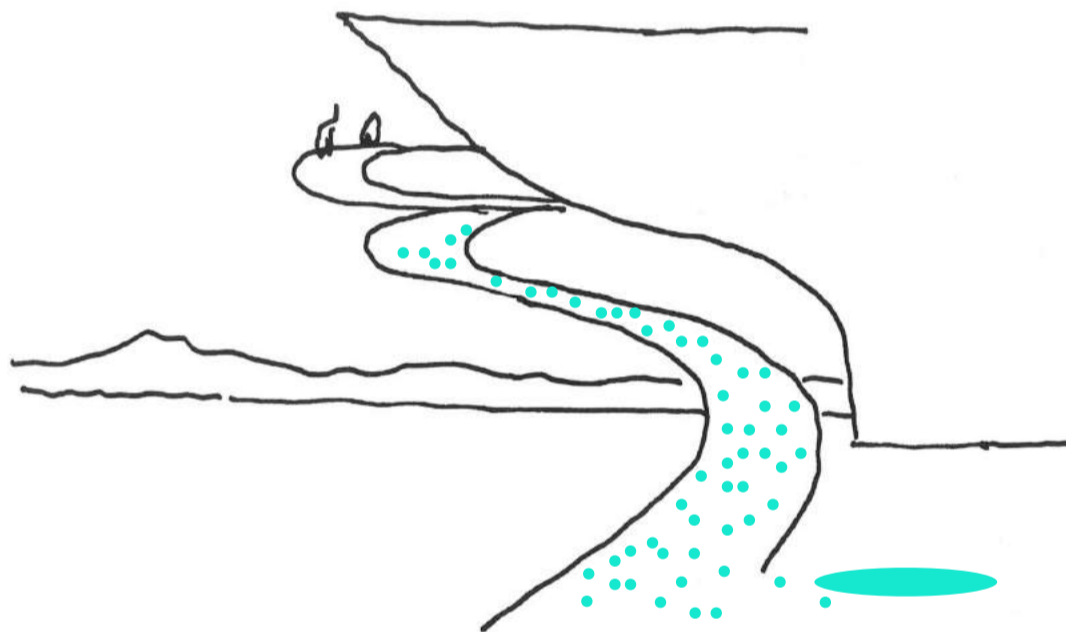
*- Oscar Niemeyer -*



# A RAMPA

*“Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura e inflexível criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo”*

*- Oscar Niemeyer -*



A rampa está presente em todas as obras de Niemeyer, assim como o concreto. Aqui sua plasticidade abraça a paisagem e convida o visitante do MAC à percorrê-la.  
Obra de arte explícita.

Contemplativa: para ver as belezas naturais do entorno e a arquitetura do museu

Acessível: para quem caminha, cadeirantes, carrinhos de bebê, crianças

Lúdica: a rampa é um convite à brincadeira, correr, escorregar

- Que estas três características estejam presentes no conceito da instalação -

Acompanhamos seu traçado não apenas com o olhar, mas com o corpo todo. Queremos nos apropriar deste movimento em suspensão que desafia a gravidade.

Deslizar.

# A PAISAGEM

Pensando em termos de fotografia:  
sob alguns ângulos, a arquitetura do museu emoldura a paisagem,  
sob outros, as duas coisas se integram com equilíbrio e proporção.

Às vezes se faz necessário a presença de um humano no quadro,  
para que possamos estabelecer a escala do conjunto.



# A ESCALA

Para mim, é como se houvesse ali, um micro e um macro cosmo.  
E é justamente com esta variação de escala que eu gostaria de trabalhar.

Me aproprio da imagem da flor proposta por Niemeyer,  
como se a baía fosse um grande jardim.

E me desafio a inserir a instalação na arquitetura  
com a mesma leveza em que o museu pousa sobre o mirante.

O apoio central do museu libera a construção do solo permitindo continuidade  
visual da magnífica vista do mar, das montanhas e da cidade do Rio de Janeiro.

O que resta, portanto, à obra de arte neste contexto de extrema beleza?

•  
Não competir.

Ao contrário, enaltece-la, multiplicá-la...

Dar ao público exatamente aquilo que se busca em termos visuais.





# A PRAÇA



\*Obs.: na visita ao museu o espelho d'água estava vazio

A praça é para as pessoas.

Pensei em colocar ali uma grande rampa de madeira  
a ser percorrida em busca de novos ângulos.

Uma rampa que não levasse à lugar nenhum,  
em contraponto à rampa de Niemeyer que leva ao interior do museu.

Uma rampa reta, se opondo à todas as curvas do projeto.

Mas isso não seria arte, seria mais arquitetura.

Pensei em trabalhar com água e a imagem virtual que se forma no reflexo de superfície:

enormes gotas contidas em aquários de vidro talvez,

mas o espelho d'água já alimenta sua grande flor de lótus ou vitória régia.

O que, somado à abundância da baía de Guanabara, parecia haver água suficiente.

Preencher o espelho d'água com inúmeras flores flutuantes seria interessante,  
causaria emoção e certamente levantaria a bandeira da beleza que nasce no lodo.  
Mas seria sobretudo uma intervenção paisagística; fugindo da ocupação da praça solicitada.



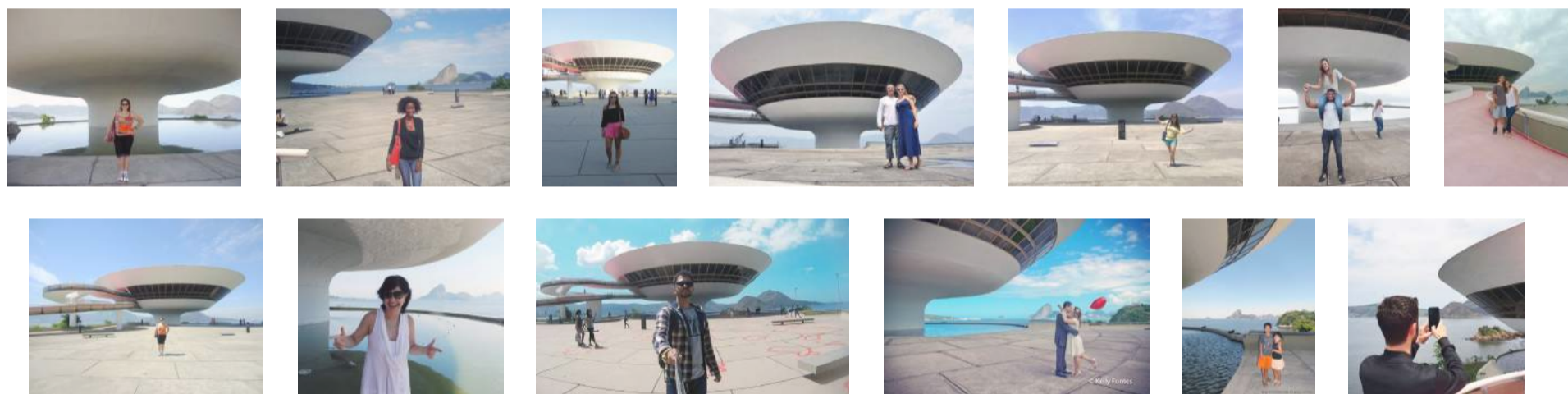
Optei então por abandonar a física. E partir para a ótica.

# REPETIÇÃO E INTERATIVIDADE

Na tentativa de acomodar dentro do ângulo limitador da lente objetiva tudo aquilo que é visto, são disparados ali centenas de cliques por dia.

Fotografamos porque percebemos com ansiedade nossa fragilidade cognitiva em relação à passagem do tempo: esqueceremos.

Queremos lembrar o que é realmente importante, bom.



Imagens: [www.google.com](http://www.google.com)

Como artista gostaria proporcionar um acréscimo à esta contemplação do lugar.  
Imaginei assim, que meu projeto multiplicaria a vista - infinitamente.  
Saturaria nossa retina com a característica pontuada por todos os visitantes:  
a beleza quase obscena do lugar.

Repetir, repetir e repetir  
isto que nossos olhos buscam e nossas câmeras captam incessantemente.

Refleti-la com espelhos seria insuficiente.  
Não bastava replicar o que vemos, como o vemos.

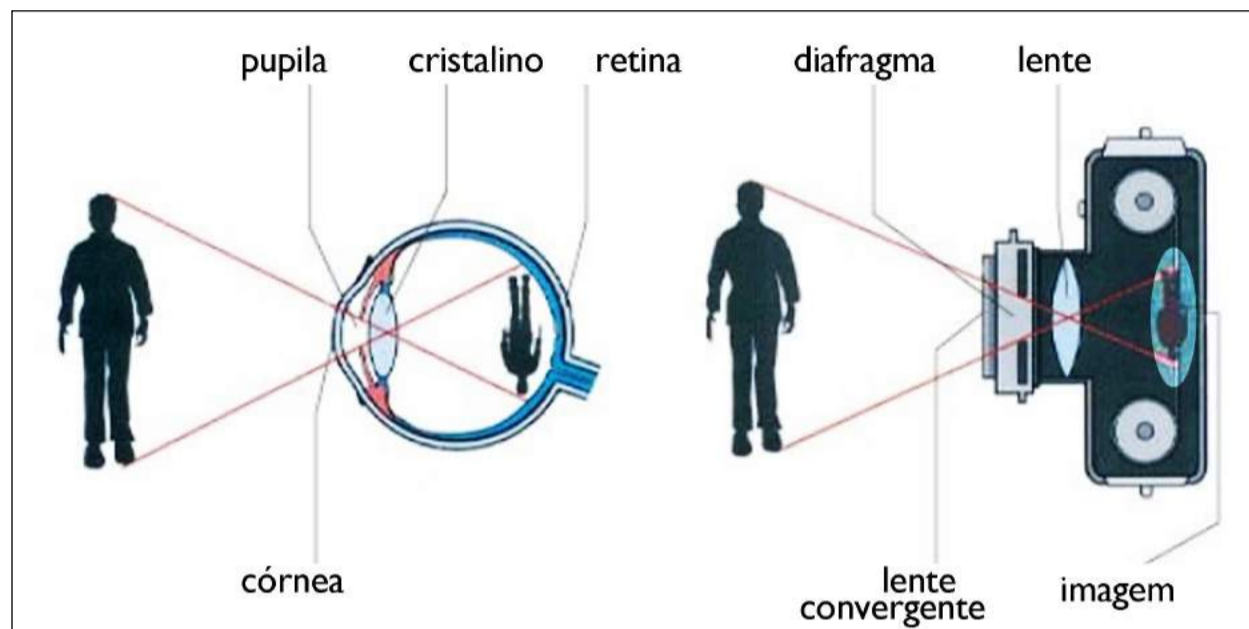
A questão da escala se apresentava mais uma vez.  
Olhando de cima, eu via o museu do tamanho de uma flor.  
Gostaria de seguir aproximando com um zoom, até chegar ao detalhe. Ao poro.

Criar elementos tão pequenos que convidassem as pessoas à ver com muito mais atenção que o normal as formas, variações de cor e texturas que se apresentam ali.



# O OLHO x A CÂMERA x A ESFERA DE VIDRO

Inversão da imagem



Se tornava necessário explorar como essa imagem se forma em nossos olhos.  
Em nossa memória.

# MICROCOSMO

Olhando de perto



Nas primeiras horas do dia é possível ver na edificação e nas plantas ao redor do museu, o orvalho que se formou no ar noturno e se depositou sobre as superfícies expostas ao céu em forma de pequenas gotas.

O sereno não cai como a chuva. Se forma no local sobre os objetos.

Efêmero.

É uma deposição, não uma precipitação.

O processo oposto seria a evaporação.

Ponto de orvalho é a temperatura em que o ar deve ser resfriado, sob pressão constante para que haja saturação.

(Com um psicrômetro é possível precisar o horário em que ocorrerá)

Orvalho é a materialização da umidade do ar.

Materialização da relação existente entre os materiais da arquitetura e a natureza da paisagem em que se encontra inserida.

•

As gotas d'água funcionam como lentes convergentes que formam imagens reais, invertidas e reduzidas da paisagem de fundo distante da lente.

Imagens reais são obtidas por raios de luz de verdade que se cruzaram após interação com um sistema ótico. Imagens virtuais, ao contrário, são obtidas por prolongamentos de raios de luz.

Logo, não têm luz de verdade. Nem poderiam ser projetadas.

# APONTAMENTOS SOBRE O LOCAL

Em visita ao local proposto para a instalação da obra de arte, percebe-se que:

- o museu é parte de um eco sistema natural e social
- a edificação não interfere no uso do espaço que segue sendo o mirante de outrora
  - é imperativa a necessidade humana de se apropriar da beleza do lugar
  - as pessoas fotografam a arquitetura, o panorama, se fotografam
    - sua plasticidade evidencia os cálculos do concreto armado
    - as curvas da paisagem se replicam na arquitetura
      - o lugar é vivo
      - verde e azul
      - é úmido
      - é leve
  - há abundância de luz natural e luz refletida
  - está aberto ao público apenas durante o dia





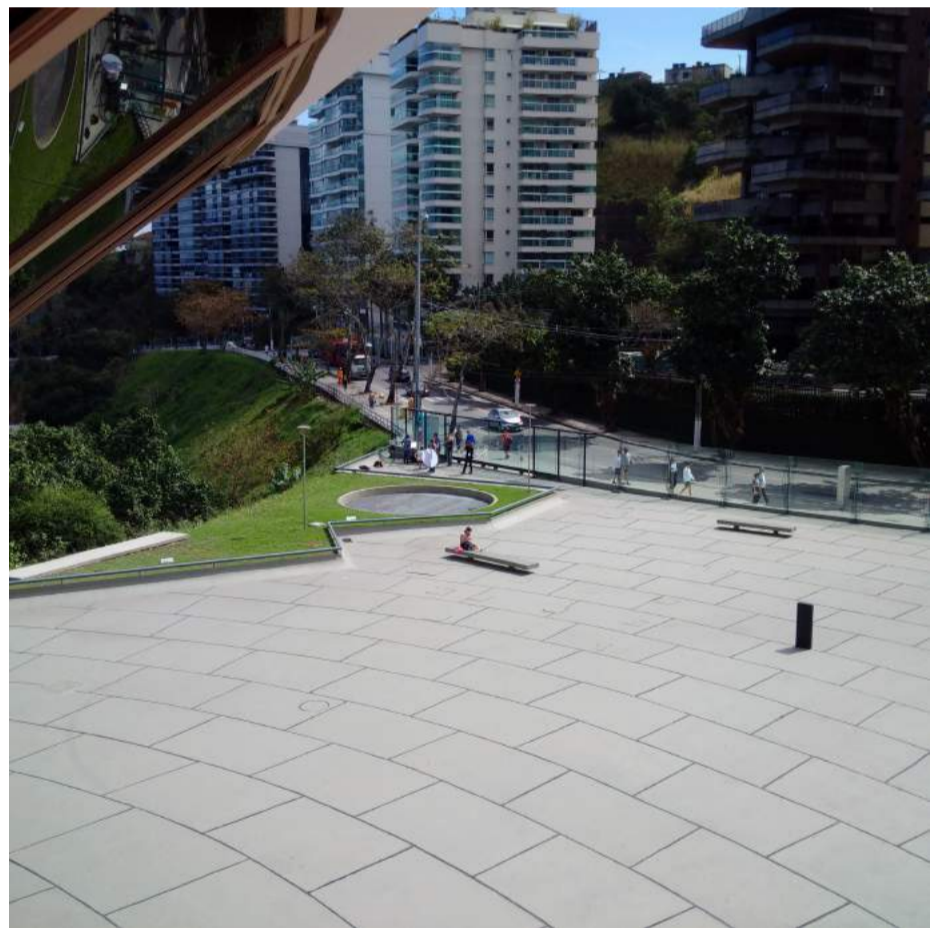
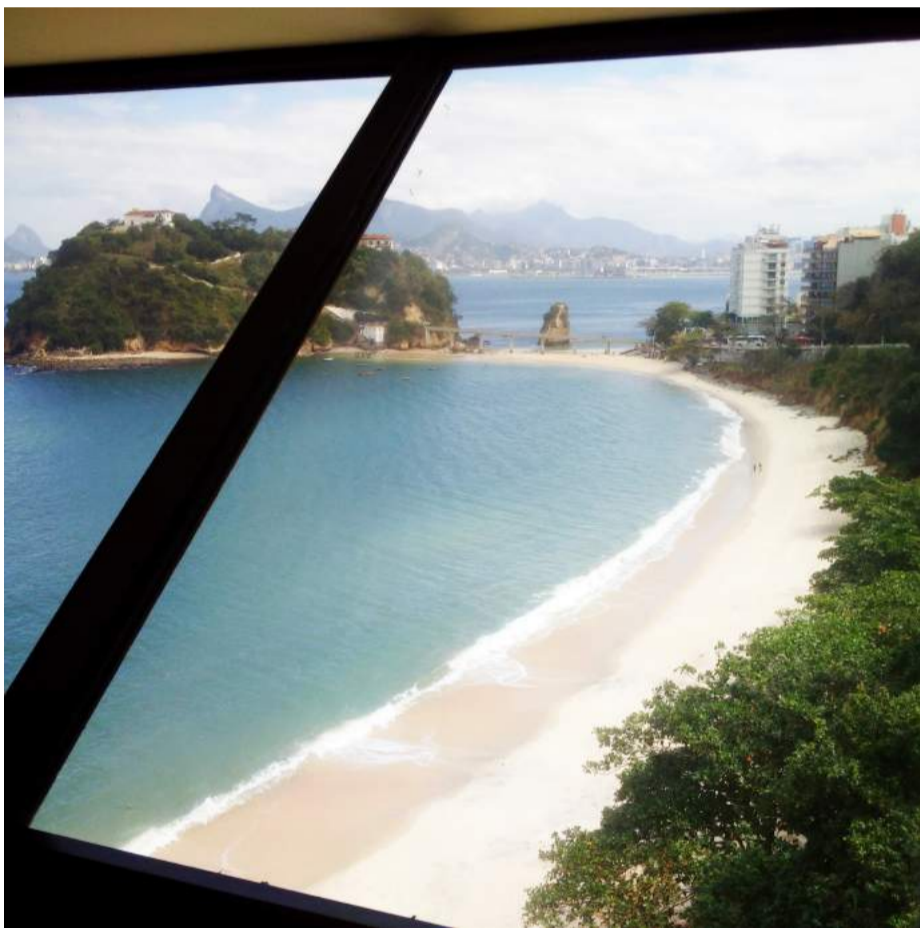
# SÍNTESE DOS ELEMENTOS

Presença

	PAISAGEM	ARQUITETURA	ARTE
<b>ELEMENTO QUÍMICO: SILÍCIO</b>	na areia do solo, no terreno do museu	na areia do concreto e vidros da obra	na areia do vidro das esferas
<b>ELEMENTO FÍSICO: VIDRO</b>	nos edifícios do entorno, nas lentes das câmeras	na fachada do museu, suas aberturas e cerca	nas esferas / bolinhas de gude
<b>INVERSÃO DA IMAGEM</b>	reflexo na água do mar, poças d'água de chuva e nas gotas de orvalho	reflexo nos vidros e espelho d'água do museu	no vidro côncavo das bolinhas
<b>FORMA CIRCULAR</b>	gota d'água, secção de caules	planta do museu, secção de pilares	esferas de vidro e em sua secção
<b>FORMA DE CÁLICE</b>	conduz o orvalho nas flores	corte lateral do museu, estrutura em concreto protendido	ao girar, o cálice na máquina torna o vidro esférico
<b>CURVAS</b>	percurso das pessoas, da rua e nas montanhas	rampa	percurso das esferas
<b>MOVIMENTO DA ÁGUA</b>	chuva, ondas do mar, e movimento dos corpos dos visitantes	espelho d'água na base da edificação	replicado no movimento das esferas na instalação
<b>TERRITÓRIO OCUPADO</b>	museu se apropria da paisagem	instalação se apropria do museu e da paisagem	pessoas se apropriam dos 3
<b>TERRITÓRIO FOTOGRAFADO</b>	como pano de fundo	como objeto artístico	reflexão

# A AREIA

Presente na paisagem natural e também na paisagem edificada



A areia é a base do terreno onde foi edificado o museu.

A areia está no concreto usado para a construção.

A areia é a matéria natural que compõe o vidro.



# O VIDRO

Presente na arquitetura e na obra de arte



Bolinhas de gude são esferas de vidro maciço 100% reciclado.

O vidro usado na fabricação de bolinhas de gude vem principalmente da indústria de construção civil: descarte de obras e de demolições, sobras de fábricas de pastilhas de vidro e espelhos quebrados.

O vidro está presente nas fachadas do museu e nos edifícios do entorno. Painéis de vidro funcionam como uma cerca frontal, separando o MAC da calçada pública.

# O CÁLICE

Do caco de vidro à esfera:

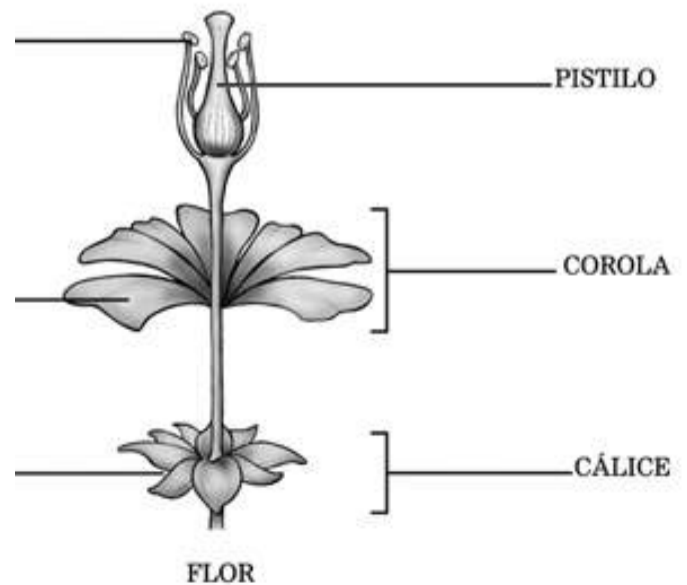
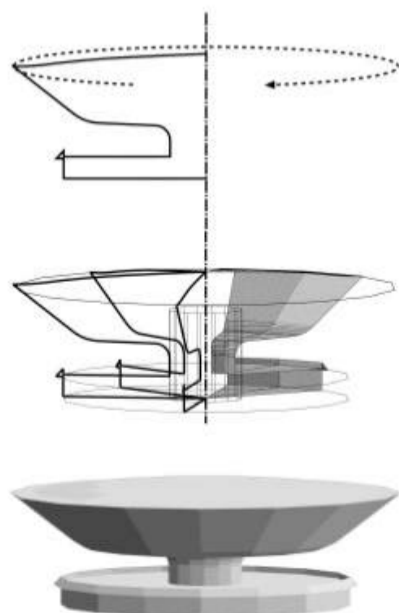
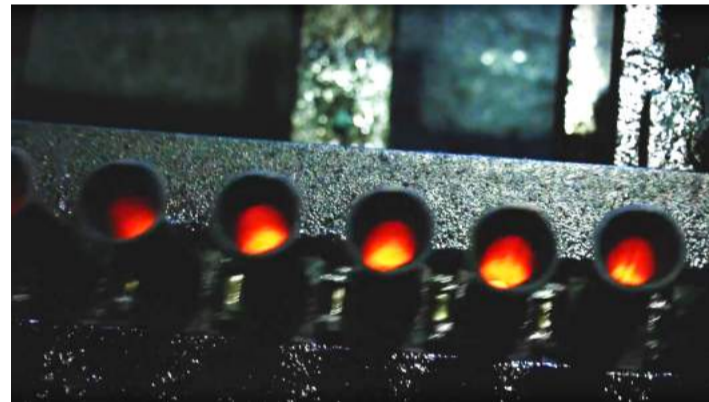
Na máquina de fazer bolas de gude, cada gota de vidro derretido pinga em um cálice, que gira até esta gota adquirir o formato esférico enquanto resfria.

Na flor:

A parte denominada cálice, coleta e conduz as gotas de orvalho e de chuva para o interior da planta. Além de proteger os órgãos delicados de seu interior.

Para as pessoas:

Na arquitetura do museu, esta forma permite elevar a edificação do solo e deixar a praça livre para se avistar a paisagem, o mar. Ao mesmo tempo conduz o visitante ao movimento de giro, dentro e ao redor da edificação.





# ESFERAS, CÍRCULOS E CIRCUNFERÊNCIAS

Geometrias presentes em elementos naturais e fabricados pelo homem  
Remetem ao equilíbrio, ao ritmo e à suavidade

Repetidos continuamente nos movimentos da natureza,  
em nossos movimentos, na obra edificada.





# TRANSFORMAÇÃO DA NATUREZA PELO HOMEM

Arquitetura: processo que vai da idealização ao projeto e à sua construção.

Arte matemática que reordena os elementos naturais.



*"Então, 4 horas da manhã, vinham dois operários andando assim e um deles parou e disse: "Caramba, é tão bonito que não parece real". Quer dizer, o que é isso? O sujeito do povo não participa da arquitetura, mas quando é bonito ele tem um momento de prazer."*

*Trecho de entrevista com Oscar Niemeyer publicada na edição 112 da revista **Caros Amigos**, julho de 2006*



# MUSEU - ESPAÇO TRANSFORMADOR

O museu tem o poder de nos fazer refletir sobre a relação com o mundo que nos cerca. Buscamos esta experiência primordialmente na coleção de obras de arte expostas. No MAC o próprio edifício com sua grande praça confirmam esta vocação.

Algumas questões surgem em função desta arquitetura tão marcante:

Seria necessário adentrar a construção para encontrar o que estamos buscando?

Para que serve o museu sem as obras de arte?

E um museu sem pessoas interessadas em aprender? O que as levou ali em primeiro lugar?

Para que serve a instalação que ocupa a praça?

A. Questionar o uso do museu

- público x privado

- elitista x popular

B. Questionar o percurso feito pelas pessoas e sua interação

- no espaço público x em sua vida privada

O museu é uma arquitetura que sai das academias, vai para as ruas e passa a ser algo de interesse popular.





# JOGANDO BOLINHA DE GUDE

A memória afetiva contida em uma bolinha de gude ultrapassa classes sociais.

De imediato o objeto nos remete à infância.

Momento da vida no qual acumulamos informações acerca do universo que nos cerca.  
Brincando aprendemos à nos relacionar com os demais, competir, analisar, ponderar.

Seria possível recuperar algumas destas capacidades  
que vamos perdendo ao longo do tempo?

Deixar de olhar apenas para si e, por um momento  
realmente enxergar o mundo ao redor?



Pieter Bruegel em 1560



# ARTE COMO RESSIGNIFICAÇÃO DO LUGAR

Primeiro o volume arquitetônico se insere no território natural e modifica de forma definitiva a paisagem e o uso do lugar. Resignifica o mundo como ele era em seu estado natural de árvores e pedras, ao abrigar um volume geométrico voltado à um outro nível de conhecimento estético.

Depois, a instalação Orvalho (título provisório) se insere na praça do museu e mais uma vez altera nossa relação e percepção do lugar. Aquele espaço vazio de transição, passa a existir. O resignificar aqui, em ambos os casos, tem o sentido de acrescentar uma nova camada.



Busco no vidro côncavo um elemento inversor de escalas. Transformador do modo de ver.

1) com uma lupa ampliamos as gotas de sereno que surgem na condensação de vapor d'água sobre o concreto e vidros da alvenaria;

2) nos afastamos do solo e vemos ao invés de pessoas, esferas de vidro em seu lugar;

3) seguimos no zoom out e reduzimos o museu àquela flor na paisagem proposta por Niemeyer.





# TRANSFORMANDO O VIDRO



Do caco de vidro à esfera.



Depois de lavado com água reaproveitável, o vidro, vindo de descarte da construção civil ou fábricas de pastilhas, é separado por cor e os pedaços levados à um forno aquecido a 1300°C.

As gotas de vidro derretido caem em cálices que giram e vibram dando a forma esférica à matéria. As bolinhas então descem uma rampa na linha de produção para serem resfriadas. Se, ao final do processo as bolinhas não tiverem a medida exata desejada, serão derretidas novamente.

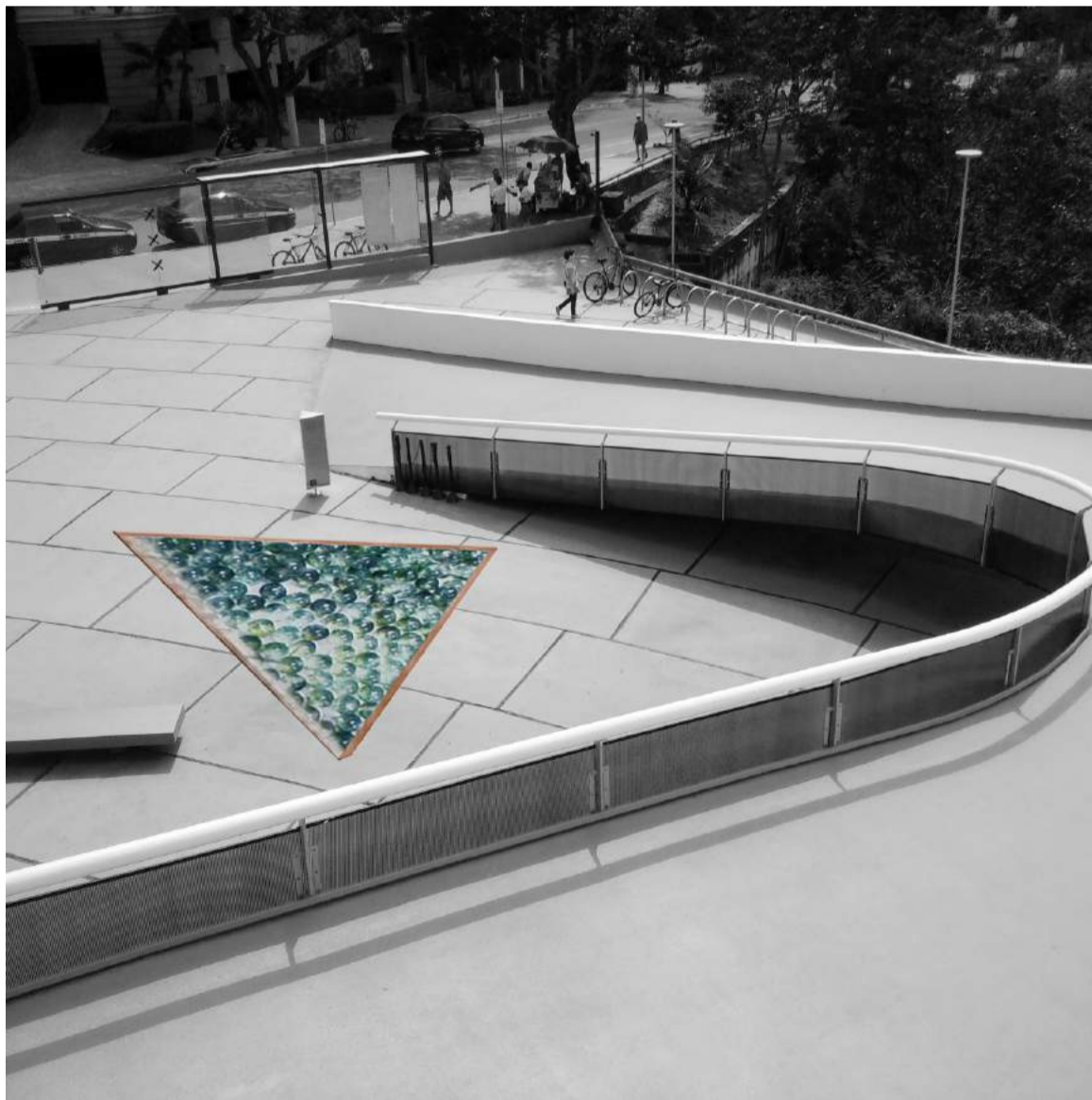
# INSTALAÇÃO - FORMA

Esferas de vidro que percorrem a rampa e a praça do museu.  
Mudando diariamente de posição.

Situação que repete com objetos o movimento realizado pelo corpo do observador ao percorrer o local, sugerindo auto-identificação.

Jogo de variação de escalas / novos significados do olhar:

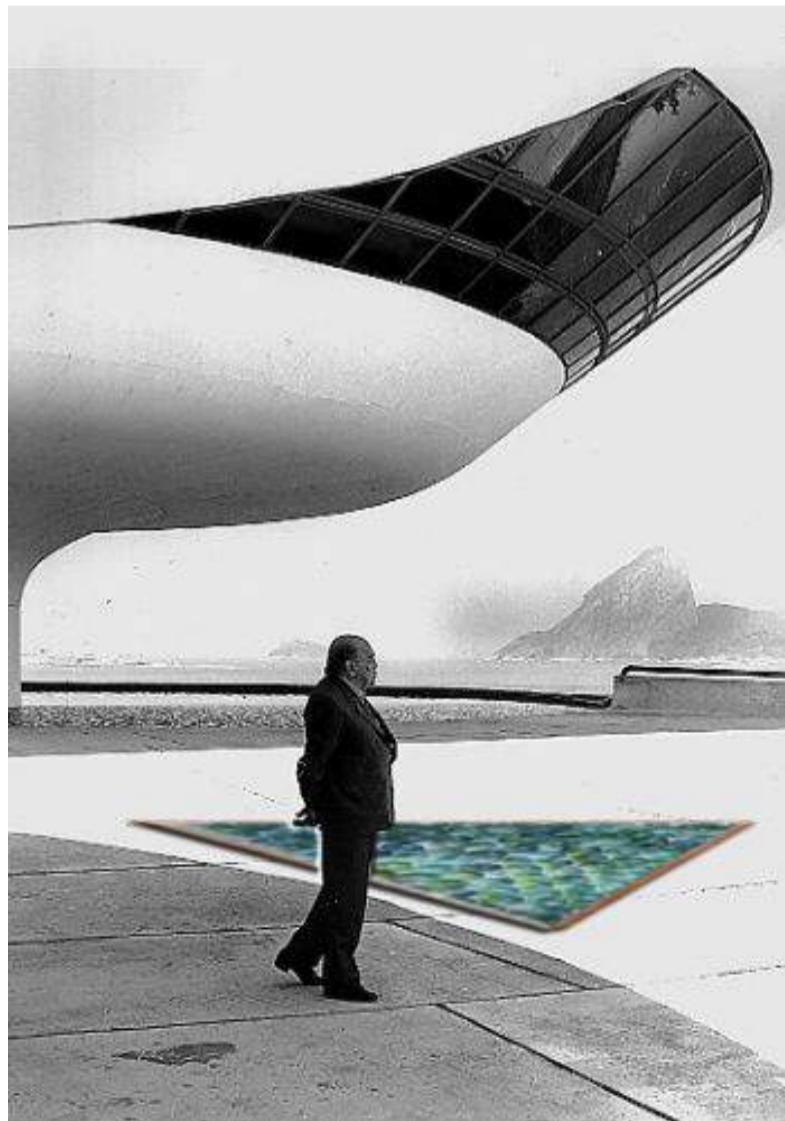
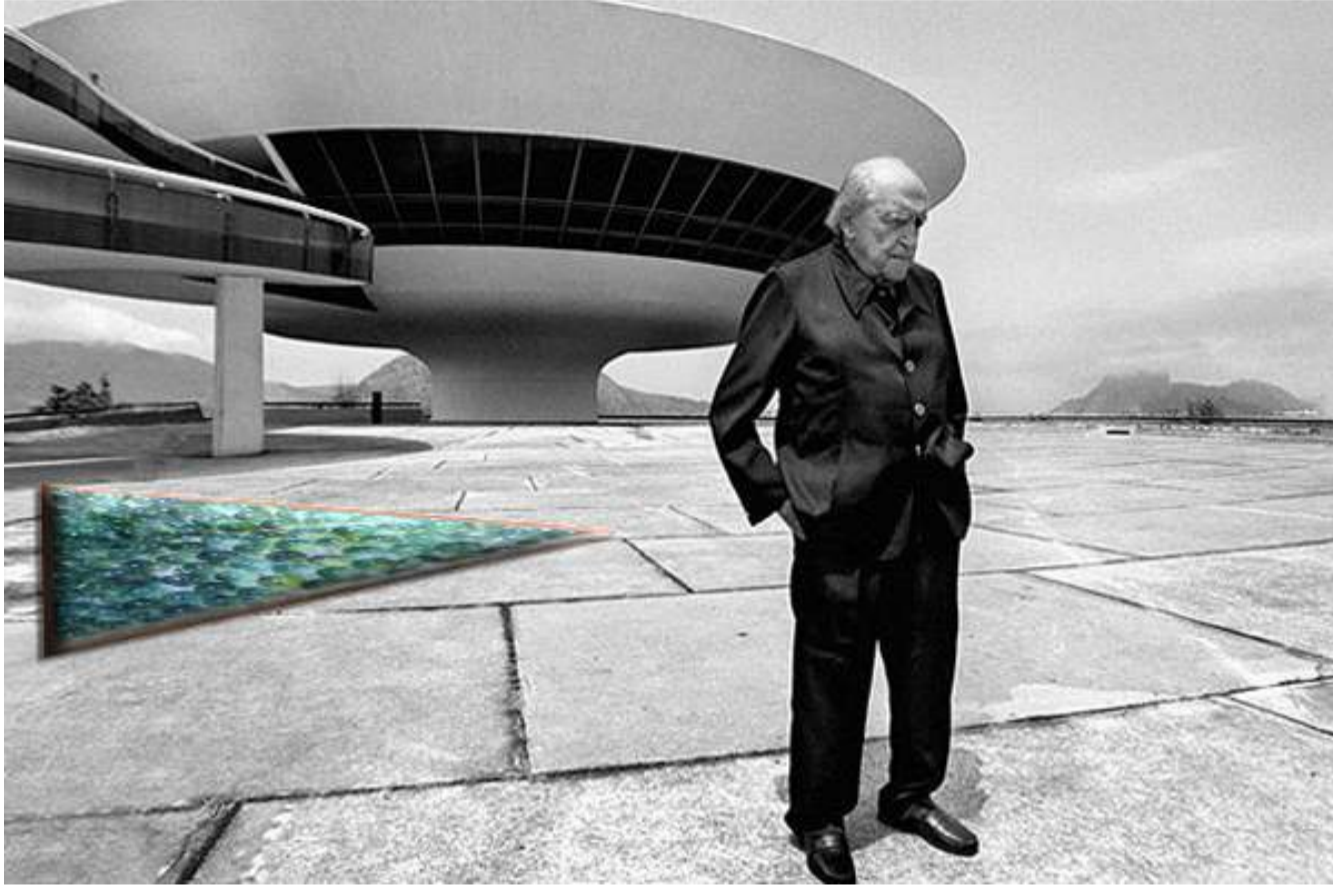
- a paisagem da cidade vira a paisagem de um jardim
- a arquitetura do museu transformaria cacos em esferas
- pessoas se tornam esferas de vidro que aprisionam imagens invertidas ao tentar capturar repetidamente o tempo e o lugar



O ato de inserir na paisagem elementos de vidro côncavo, um material difícil de fotografar no sentido de gerar reflexo dentro do reflexo, configura um convite ao olho nu.



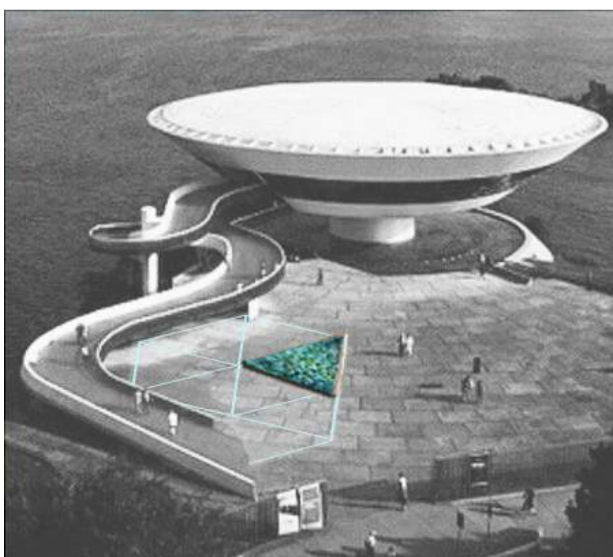
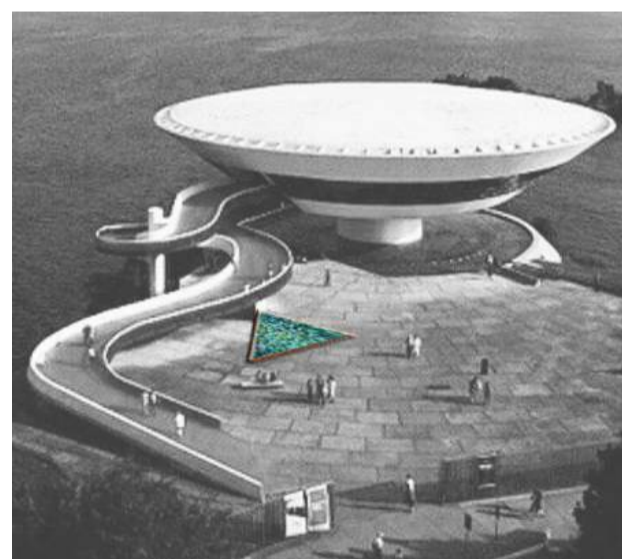
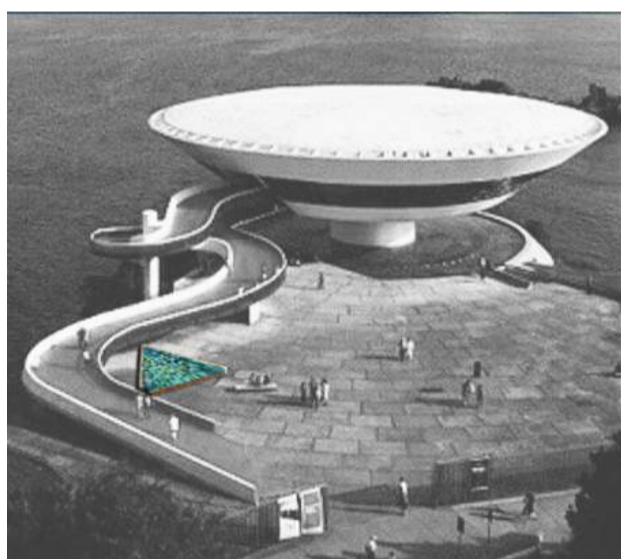
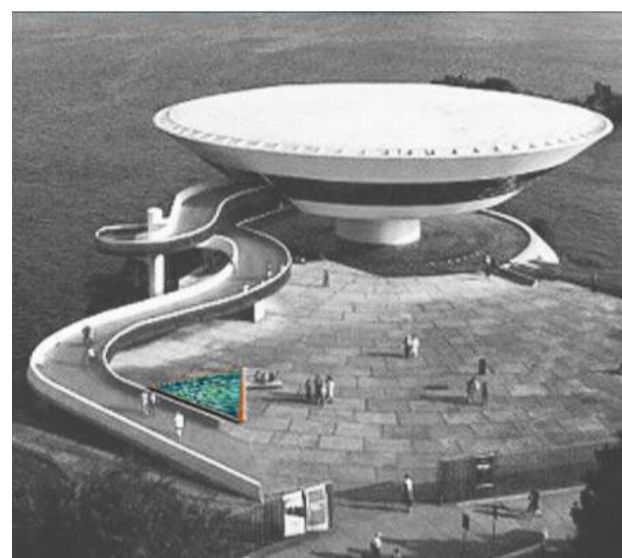
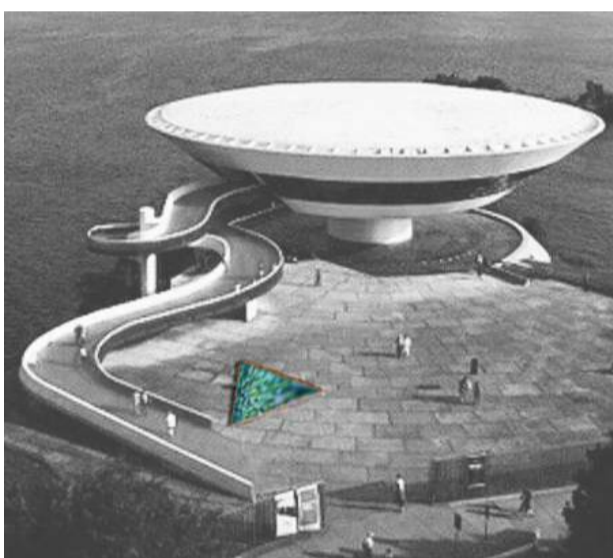
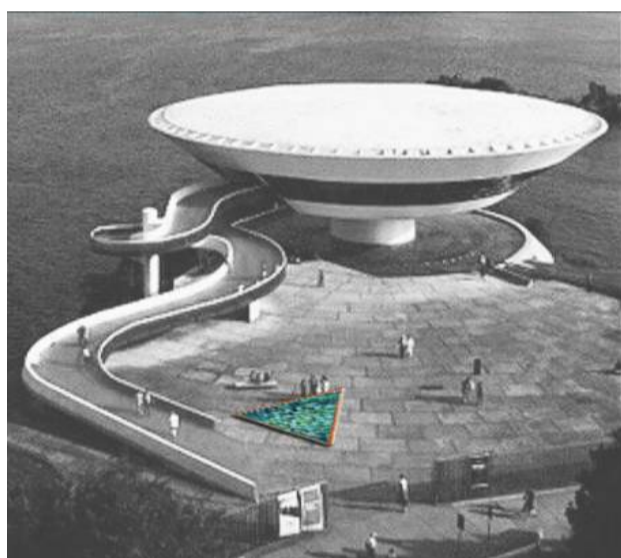
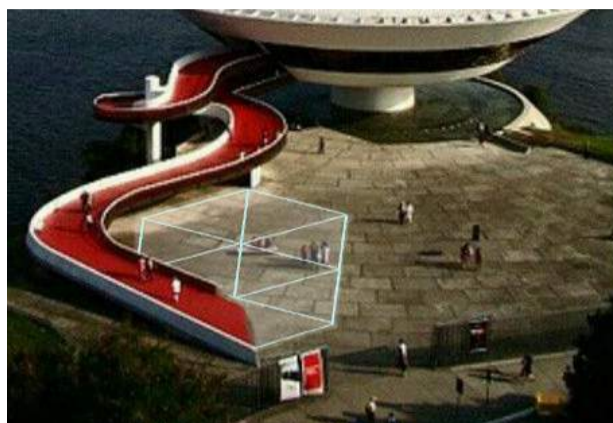
# INSTALAÇÃO - FORMA





# INSTALAÇÃO - FORMA

Muda de posição na praça



# INSTALAÇÃO - MATERIAIS

10.000 bolinhas de gude da mesma cor medindo 2cm de diâmetro cada

triângulo 450x450x450cm:  $A=8,76m^2$   
caberia até 20.000un (2.500 bolinhas/ $m^2$ )

mercado livre

Ir para a lista | Antiguidades > Brinquedos Antigos > Papel para Pipa

Novo - 73 vendidos

**Bola De Gude Lisa (300 Unidades)**

★★★★★ 1 opinião

R\$ 14<sup>50</sup>

2x R\$ 7<sup>25</sup> sem juros

Envios para todo o país por Mercado Envios

Quantidade: 1

[Comprar agora](#)

[Adicionar ao carrinho](#)

Mais anúncios do vendedor

5 sarrafos de madeira reflorestada medindo 7x7x450cm

BRISA MADEIRAS

Encontre o produto desejado

Madeira para Telhado | Portas e Janelas | Madeiras para Obras | Portão em IPE | Lambris | Compensado e MDF

Caixonetes e Aduelas | Eucalipto Tratado | Deck e Assosinhos | Degraus para Escadas | Ferragens e Químicos

CONSTRUCARD CAIXA

Entregamos no Rio de Janeiro em 24Hrs - Veja Regras

Parcelamos em 15x Cartão de Crédito

Página inicial | TÁBUAS PARA OBRAS | PERNA SALIGNA 7X7 C/ 4 METROS

**PERNA SALIGNA 7X7 C/ 4 METROS**

Preço: R\$22.00

Peso: 1.00 KGS

Duvida: ? DÚVIDA TIRE SUA DÚVIDA DESTA PRODUTO

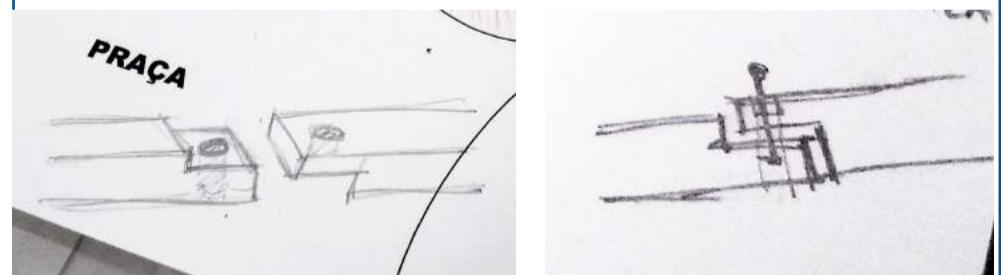
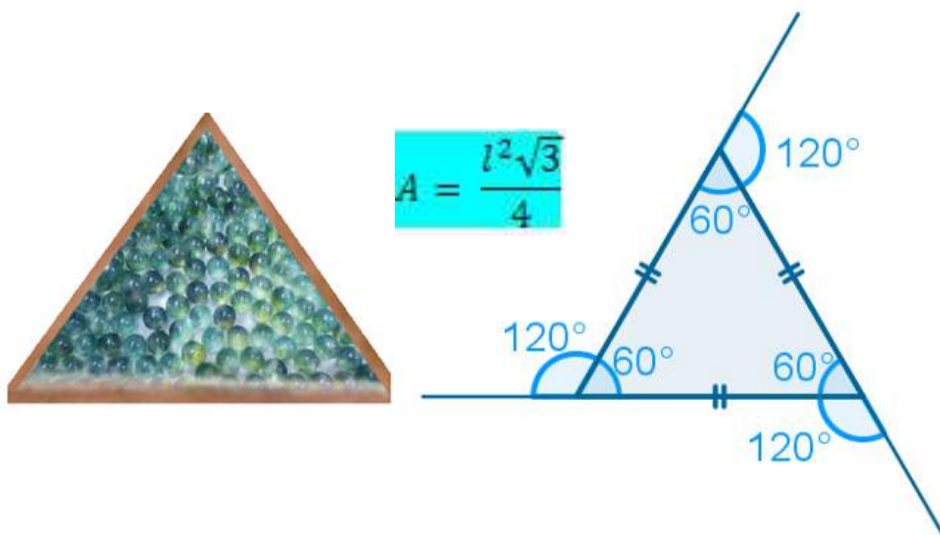
INDIQUE ESTE PRODUTO

Descrição do Produto

TÁBUAS DE CEDRINHO, USADO NA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA ACABAMENTOS PERFEITOS, PARA COLOCAR EM ADAMES, COM MAIOR RESISTÊNCIA E DURAS

VALOR POR METRO LINEAR

MADDEIRA DE LEI SEM N.º. AVERMELHADA, CERTIFICADA E CONTROLADA PELO IBAMA, ATRAVÉS DE DDF (DOCUMENTO DE ORIGEM FLORESTAL)



## Observações:

- definir o destino deste material ao fim da instalação (doação)
- incluir custo de marcenaria: corte dos sarrafos para junção articulada das peças
- remuneração de funcionário(s) para manobrar as madeiras ao longo da instalação

# O SUBLIME E O SOCIAL

céu

## Oscar Niemeyer

### MAC

areia

vidro

bolinhas  
de gude



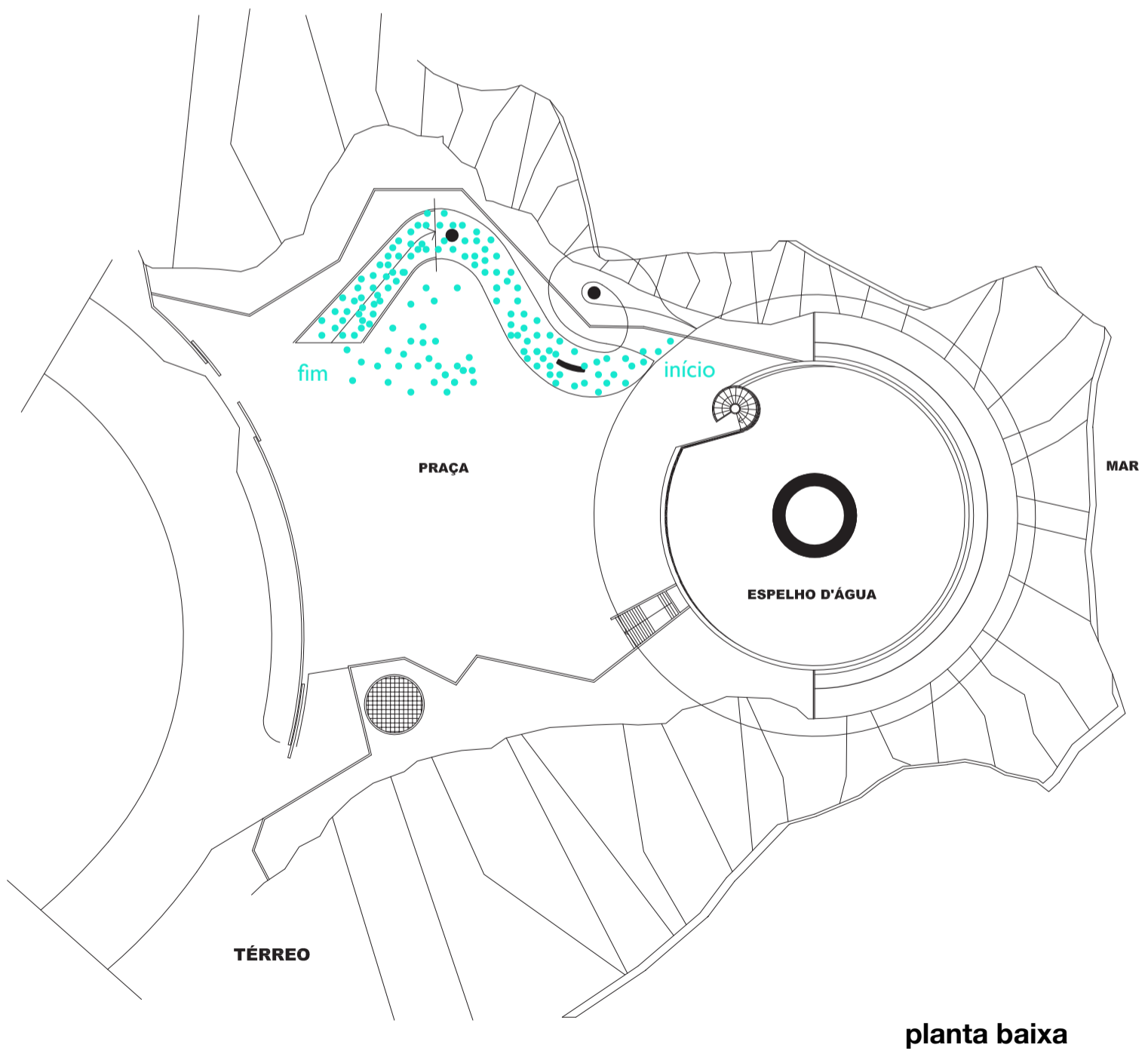
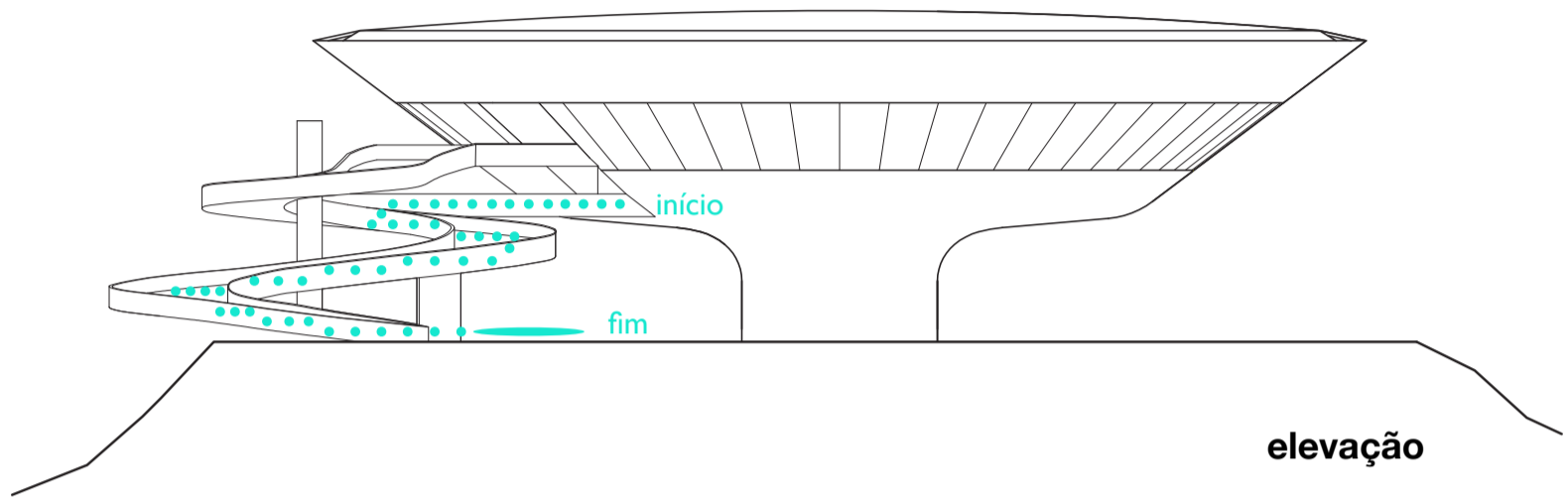
: emoções :

terra





# O PERCURSO DAS ESFERAS NA RAMPA





# O PERCURSO DAS ESFERAS NA RAMPA

Em substituição à pessoas

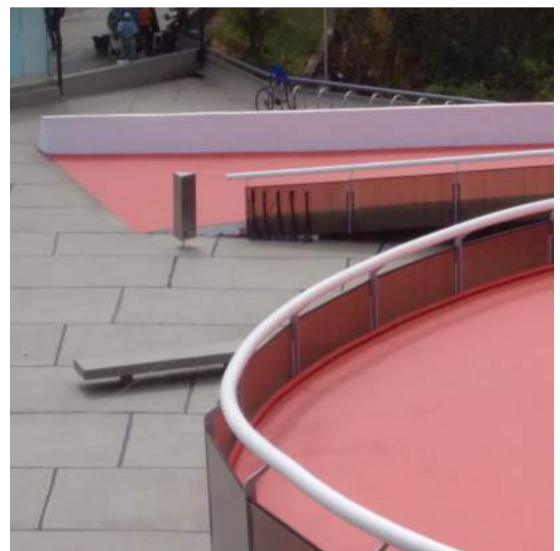
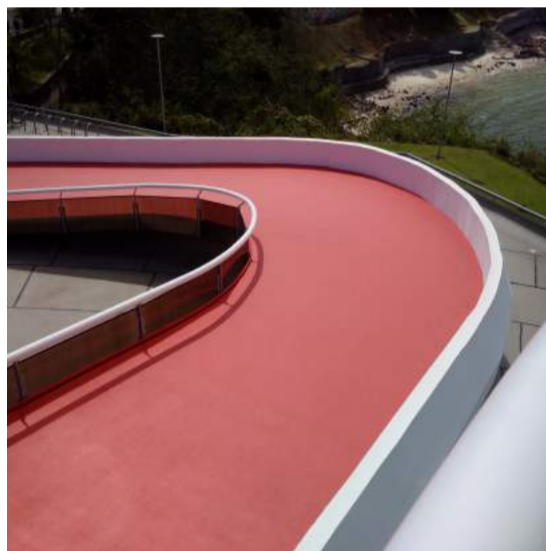
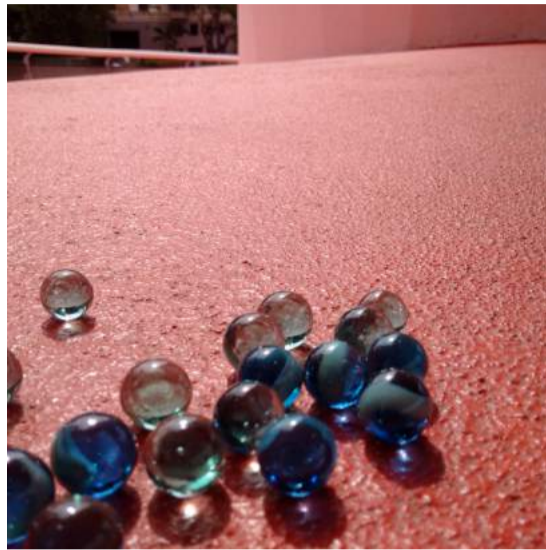


A instalação idealizada especificamente para o espaço do pátio do MAC Niterói, se apropria também de sua rampa para pensar a relação que o público estabelece com a arquitetura do local e a vista do entorno.



# O PERCURSO DAS ESFERAS NA RAMPA

Teste físico

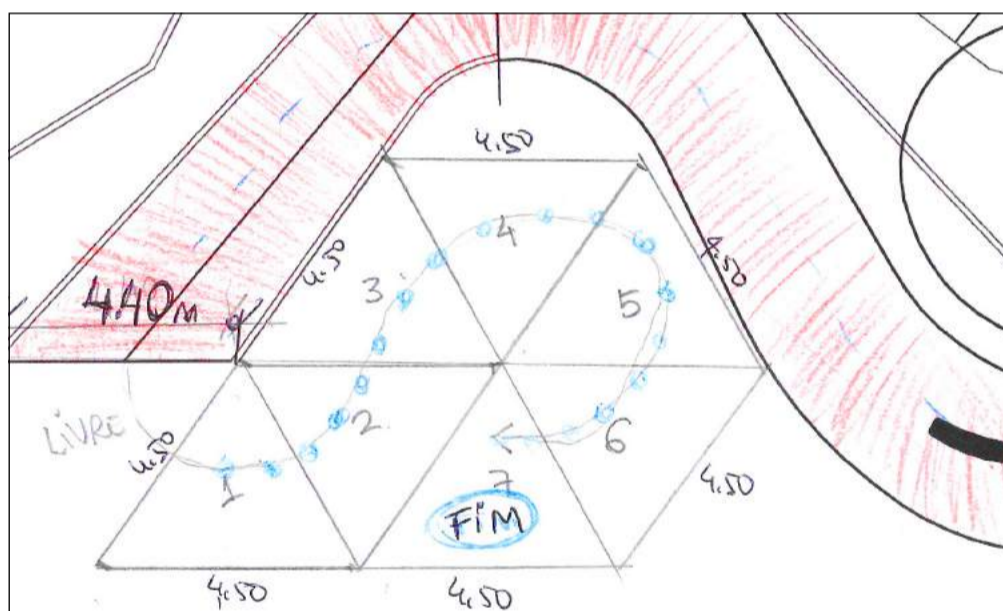
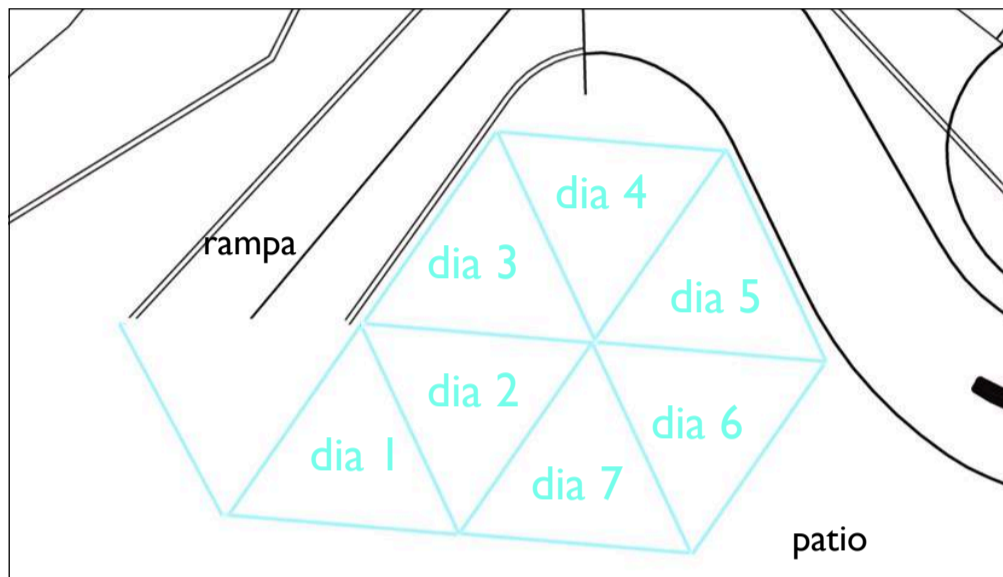


## Observações:

- bolinhas devem ser lançadas aos poucos
- descem em velocidade crescente
- a rampa precisa ser interditada por alguns minutos para o evento
- definir a periodicidade dos lançamentos (dias consecutivos ou intervenção semanal)
- instalar anteparo móvel para conter as esferas no fim da rampa e confiná-las em posição no pátio
- redigir termo de responsabilidade da artista / seguro
- parafraseando Niemeyer: a revolução não deve parar

# O PERCURSO DAS ESFERAS NA PRAÇA

Câmera lenta do movimento gerado pelo impulso de descida.  
Condução para um ponto mais baixo.



Triângulo: forma abstrata e concreta presente na natureza, desde a ligação de átomos que compõem partículas de matéria em qualquer estado físico; nas tangentes do percurso das esferas na rampa; na altura perpendicular entre arquitetura ou pessoas e o solo; no mapa de planetas no Universo.

Em tudo existe matemática, encontramos triângulos em uma árvore, na construção de um edifício, localização geográfica, no espaço. É a forma mais rígida que podemos encontrar na geometria, logo, nada se sustenta sem um triângulo na sua construção.

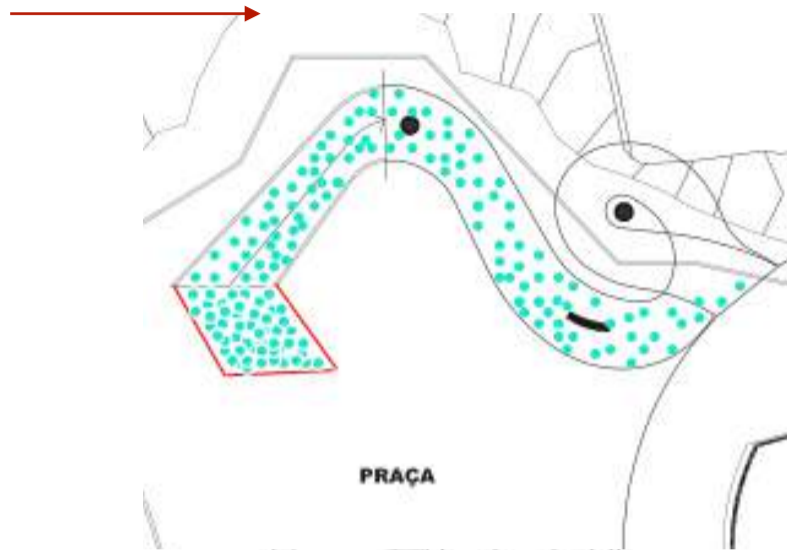
Com um conjunto de sete triângulos equiláteros conseguimos fazer girar as bolinhas em grupos no chão da praça, percorrendo em sequência a forma de um redemoinho.

Como se as esferas que desceram a rampa continuassem girando em câmera lenta no chão da praça ao longo de dias até seu completo desaparecimento.

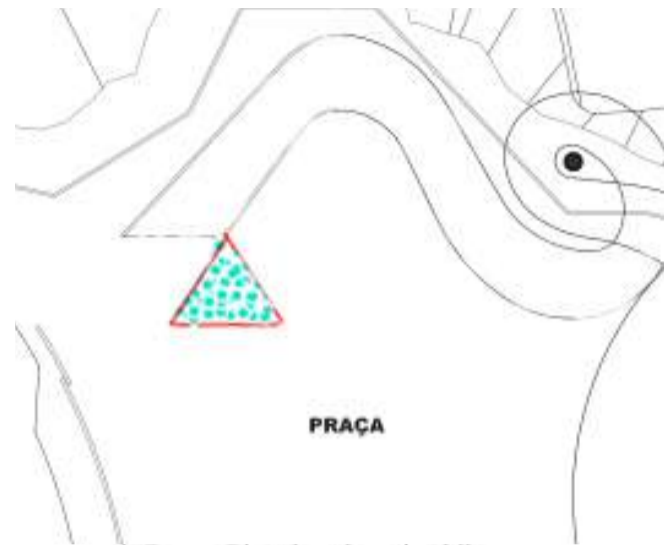


# O PERCURSO DAS ESFERAS NA PRAÇA

Se todas as bolinhas descerem de uma única vez,  
e apenas mudarem de lugar na praça ao longo da semana:



dia 1



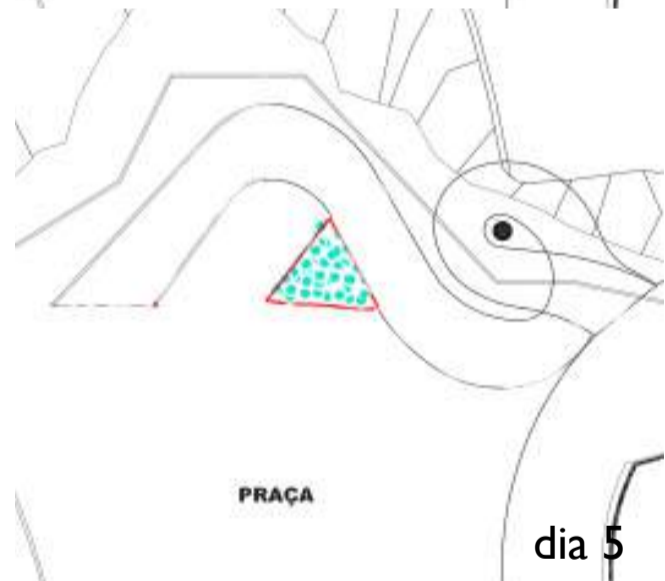
dia 2



dia 3



dia 4



dia 5



dia 6



dia 7



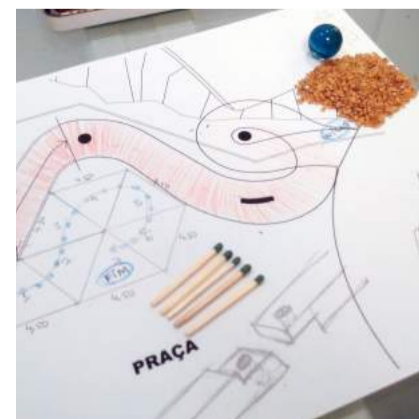
# O PERCURSO DAS ESFERAS NA PRAÇA

Se as bolinhas descerem em menores quantidades (1 vez ao dia por 3 dias)



Outras variações de tempo serão estudadas até a inscrição do projeto final.

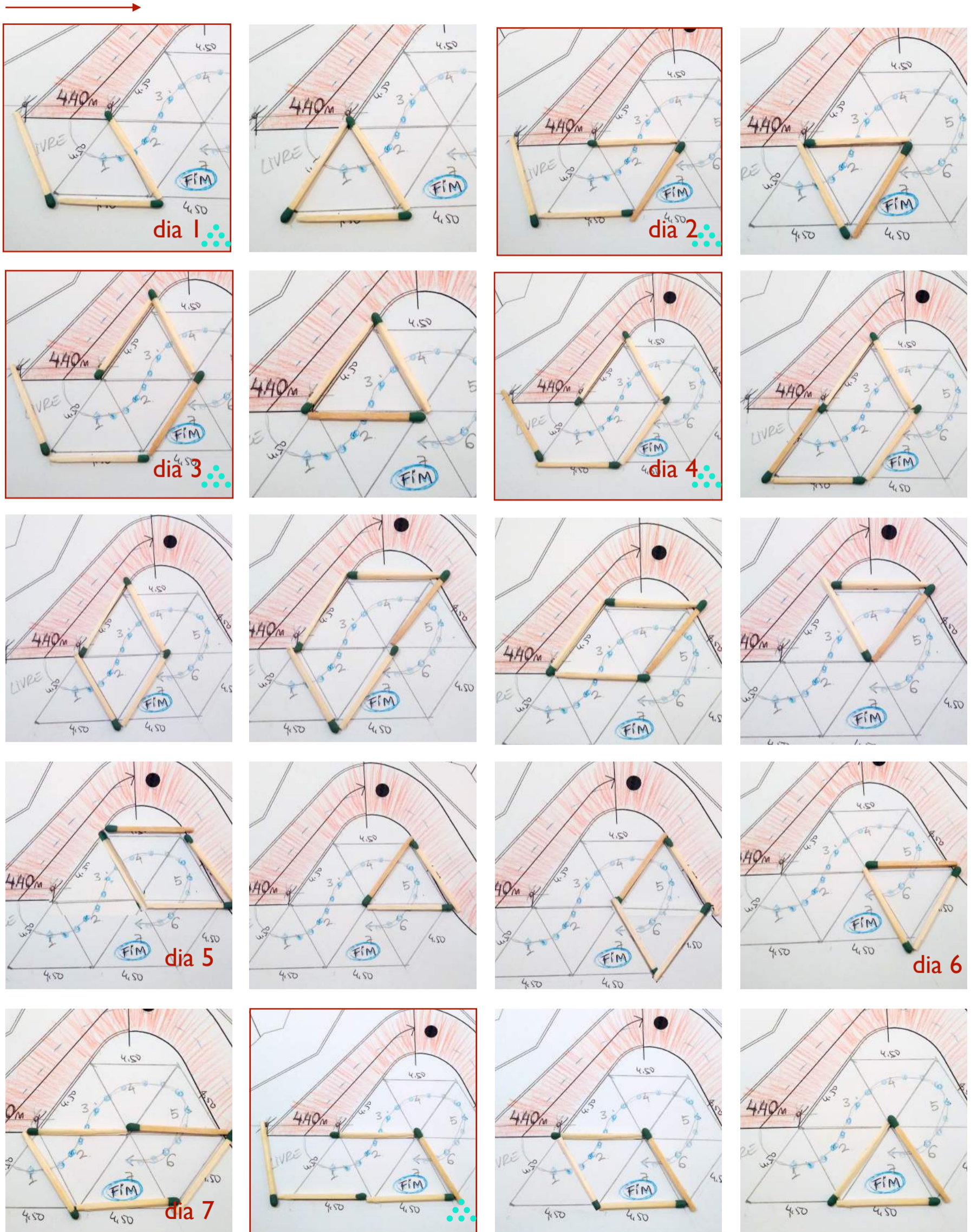
Nota:  
palitos de fósforo representam os sarrafos de madeira e a linhaça representa as bolinhas de gude





# MOVIMENTO DAS MADEIRAS NA PRAÇA

Se as bolinhas descerem em menores quantidades (1 vez ao dia, por 5 dias)





# POSSÍVEL IMPEDIMENTO

Para realização do projeto com bolinhas de gude

**From:** Flavio Bonan MAC flaviobonan.mac@gmail.com  
**Subject:** Re: Dúvida  
**Date:** August 30, 2017 at 12:19 PM  
**To:** Patricia Borges patricia@patriciaborges.com

FM

Prezada Patricia, bom dia!

A visitação pública ao Museu segue as seguintes regras, que têm como objetivo preservar o patrimônio artístico e arquitetônico, garantindo a observação das obras expostas e do próprio Museu, promovendo o lazer cultural e contemplativo.

**Não é permitido:**

- a) O acesso e a permanência de visitantes em estado que possa perturbar a boa ordem, tais como pessoas embriagadas, sob o efeito de substâncias entorpecentes ou portando armas de fogo ou instrumentos perfurantes;
- b) O acesso e a permanência de visitantes em trajes de banho ou sem camisa;
- c) O acesso de crianças menos de 10 (dez) anos desacompanhadas;
- d) A circulação de triciclos, bicicletas, patinetes, patins ou similares, salvo bicicletas a serviço desde que autorizadas pela Direção ou Coordenação Técnica e as que sejam trazidas pelos visitantes e estacionadas em local adequado;
- e) Entrar com objetos que possam danificar o acervo, os equipamentos ou que perturbem a boa ordem, tais como bolas, pipas, triciclos, bicicletas, assim como instrumentos musicais, aparelhos sonoros e fogos de artifício;

**Atente para este item "e", pois se a bolinha de gude cai no espelho d'água quem pega? Se a bolinha de gude cai em um ralo quem se responsabilizará por um eventual dano? Se a bolinha de gude cai em nossa torre de resfriamento e causa um eventual dano muito maior quem também se responsabilizará?**

- f) Praticar qualquer ato ofensivo à moral e aos bons costumes;
- g) Escrever, gravar, pintar ou afixar letreiros, dísticos, palavras, cartazes, avisos ou figuras na edificação, bancos, escadas, rampa, muro, guarda corpos, placas e sinalização;
- h) Subir em guarda-corpos, cerca, bancos, monumentos e demais construções e equipamentos;

**Atente também para este item "h", pois se a bolinha de gude ultrapassa qualquer equipamento deste listado acima que preserva a segurança dos visitantes e ocorra um grave acidente, a quem caberá a responsabilidade?**

- i) Permanecer sobre gramados e canteiros;
- j) Arrancar ou danificar as placas de sinalização /ou de identificação.

Cabe ressaltar que nossos seguranças tem total autonomia para vetar o uso de brinquedos e quaisquer outros utensílios que possam ocasionar qualquer dano ao patrimônio do museu assim como sua segurança.

Certo de sua compreensão.

Atenciosamente,

Flávio Bonan

Diretor Administrativo

Em 30 de agosto de 2017 11:34, Patricia Borges <patricia@patriciaborges.com> escreveu:

Bom dia Flávio, tudo bem?

Em visita ao MAC um dia desses, fiz uma pergunta ao segurança que não soube responder e me passou seu email para contato.

Gostaria de saber se é permitido jogar bolinha de gude nas áreas externas do museu.

Obrigada,

Patricia Borges

# NOVA PROPOSTA

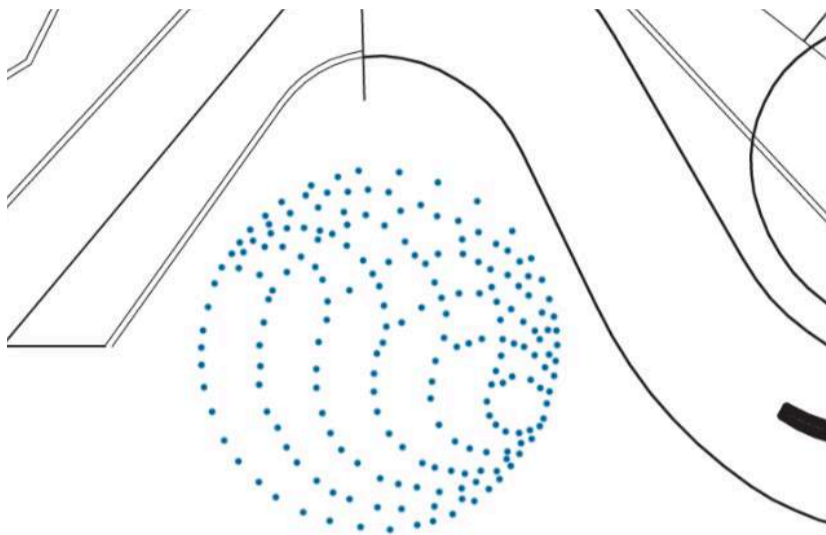
1. Substituir as bolinhas de gude por esferas maiores.
2. Não mais desliza-las pela rampa fisicamente. Este movimento ficará implícito na instalação.
3. Dispor as esferas de vidro no piso formando uma imagem para quem vê o conjunto de cima - à partir do museu, não do nível visual da praça.
4. O desenho que se forma com as esferas ordenadas no chão da praça remete ao percurso que as bolinhas fariam se descessem a rampa e fossem colocadas em moto perpétuo no pátio. Algo como um fotograma se esse movimento fosse acelerado. Ou houvesse ali um ponto de fuga.
5. Não há mais necessidade de uso dos elementos em madeira que limitavam as bolinhas. Fixar as esferas em sua posição, ou usá-las chanfradas na base em caso de obra efêmera (móvel na praça).
6. Manter o referencial do projeto proposto inicialmente e sua representação social. Tratando a nova instalação como sua variação de escala, uma evolução do modelo anterior.
7. À definir: dimensão e número de esferas.  
Posição do conjunto in loco (medir posição dos bancos de concreto)
8. Ao aumentarmos o tamanho das esferas, surge ali um novo volume articulado em planos. Cada unidade passa a ter visibilidade, uma vez que haverá um menor número de elementos. Quando as esferas mediam 2cm, a ênfase estava no conjunto. Agora veremos pontilhados.
9. O material escolhido - vidro côncavo - e o que não fazer ali, neste momento, são as únicas certezas plásticas sobre o trabalho a ser desenvolvido. À partir deste estudo de escalas, elementos e significações há um ponto de partida, mas não ainda o de chegada. Sigo questionando a tentativa dos visitantes sintetizarem tudo o que vêem ali em uma rápida fotografia, encapsulando o entorno e a experiência através da lente objetiva. Certamente a instalação tomará forma ao longo do seminário.



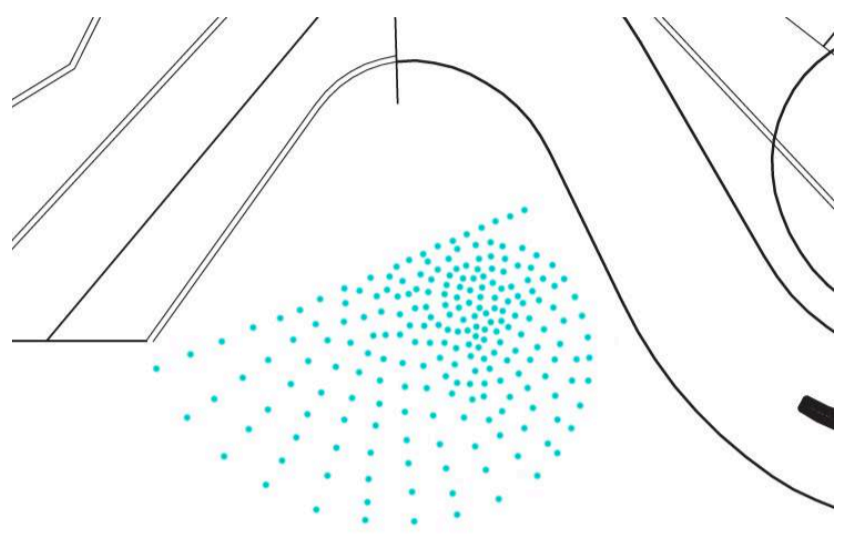
Lembrar: a beleza é leve

# ESBOÇOS DA NOVA PROPOSTA

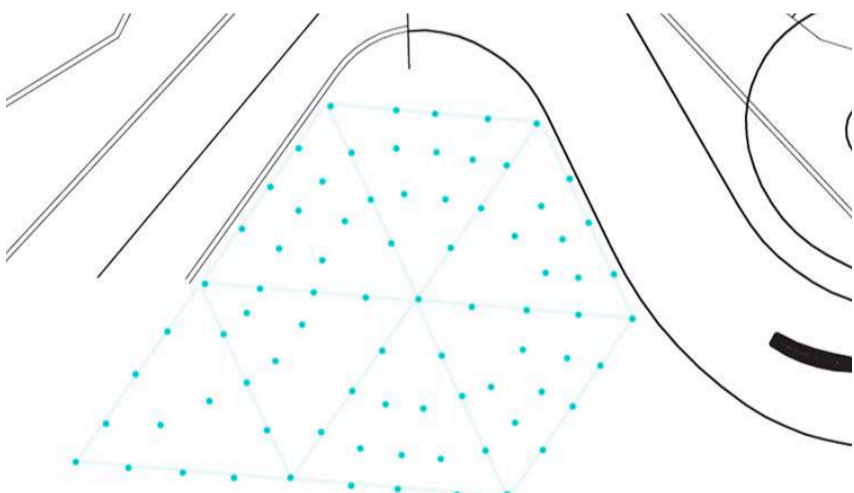
Alguns caminhos possíveis - a serem investigados:



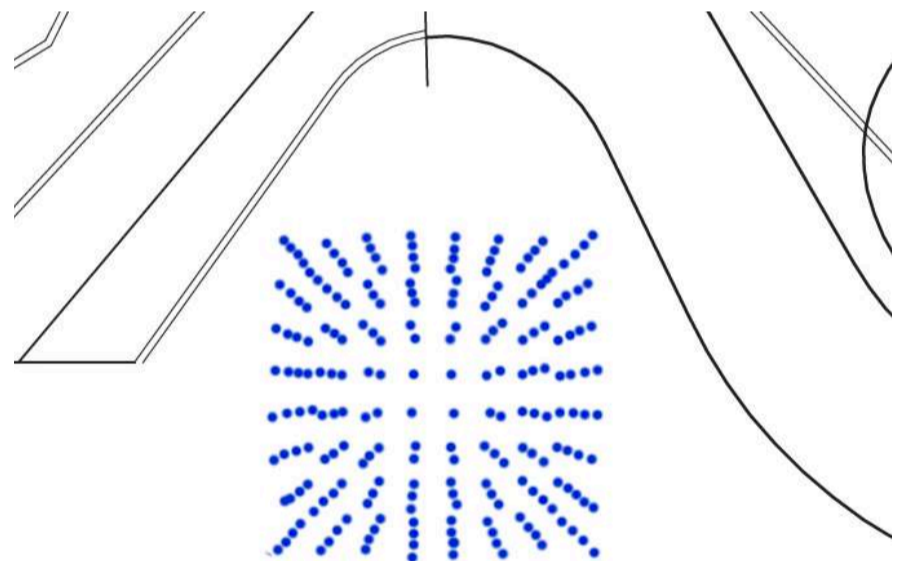
200 esferas



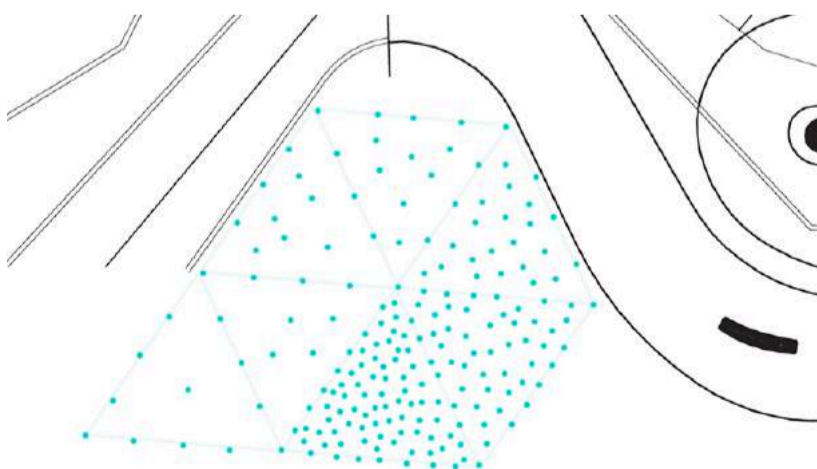
120 esferas



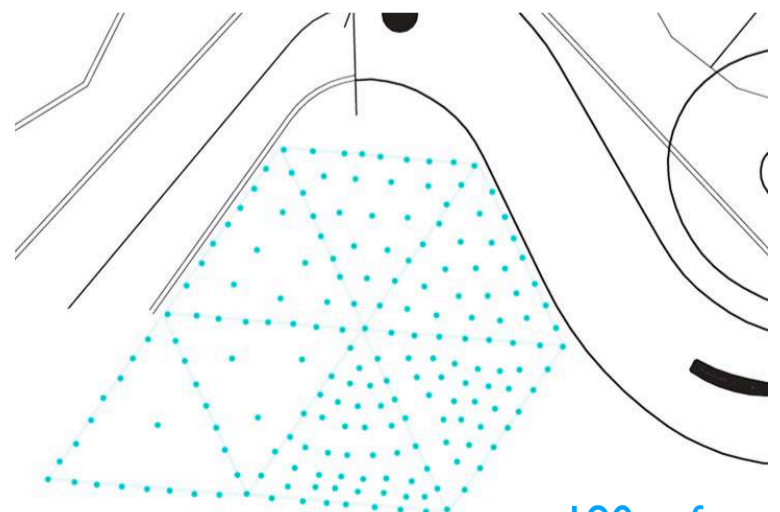
80 esferas



212 esferas



160 esferas

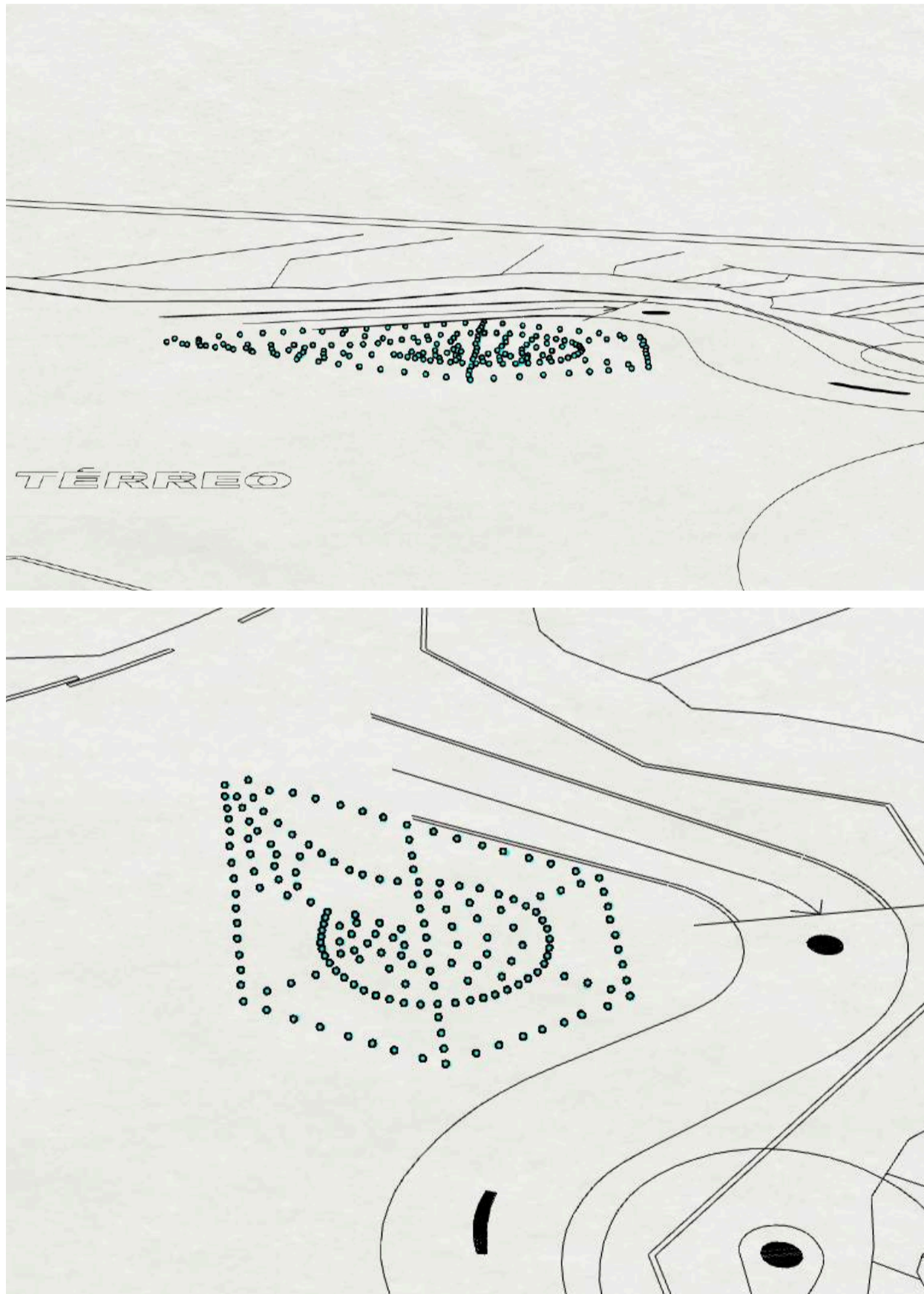


190 esferas



# ESBOÇOS DA NOVA PROPOSTA

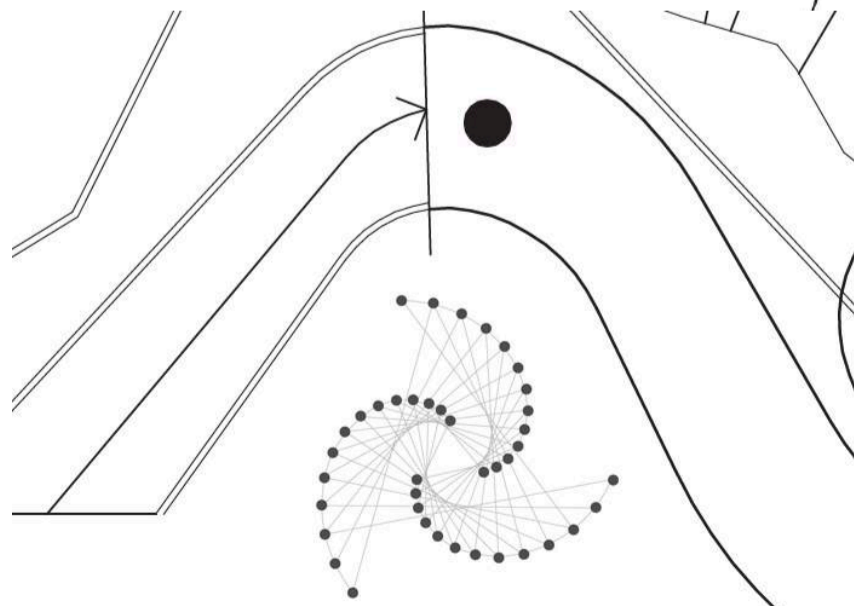
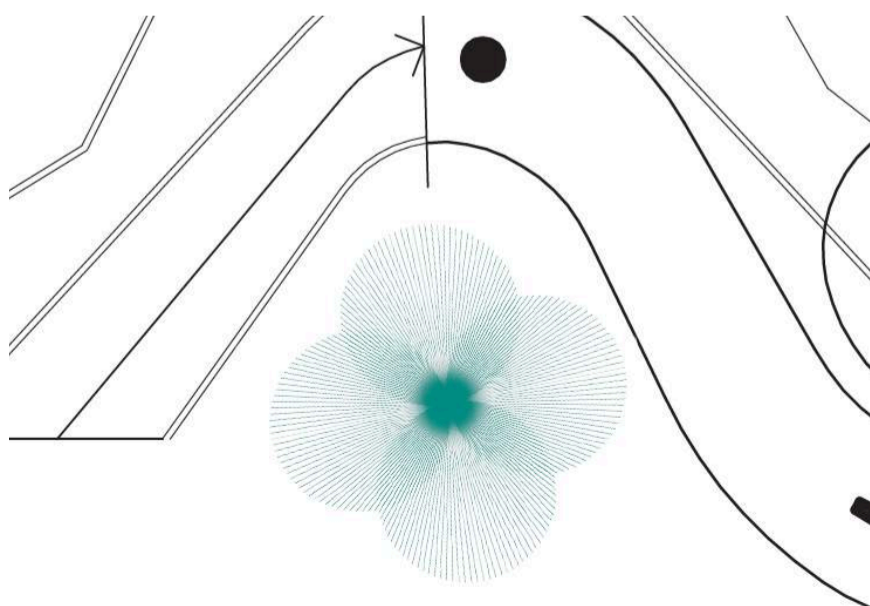
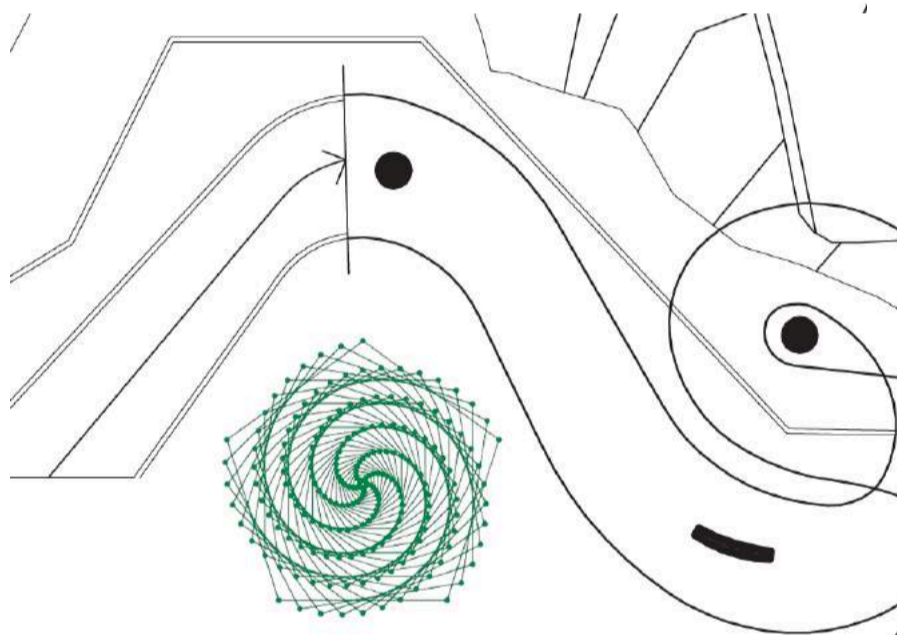
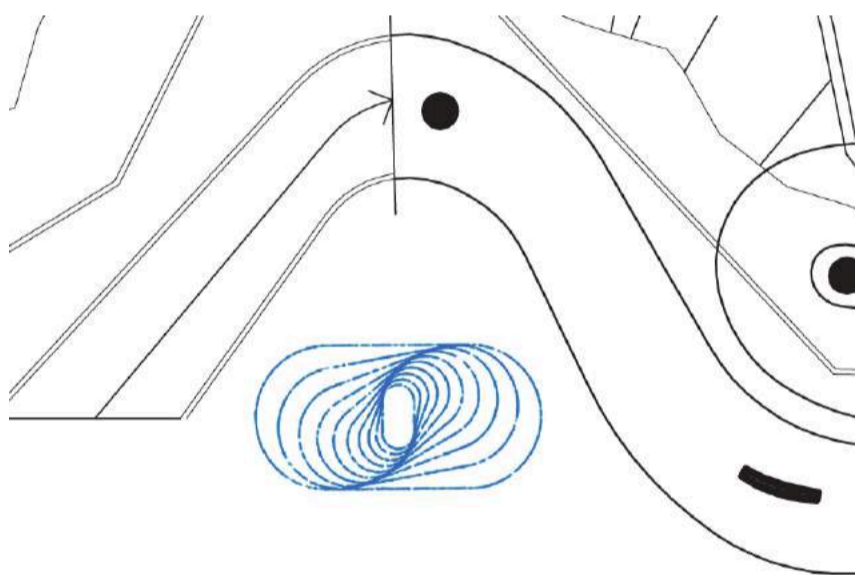
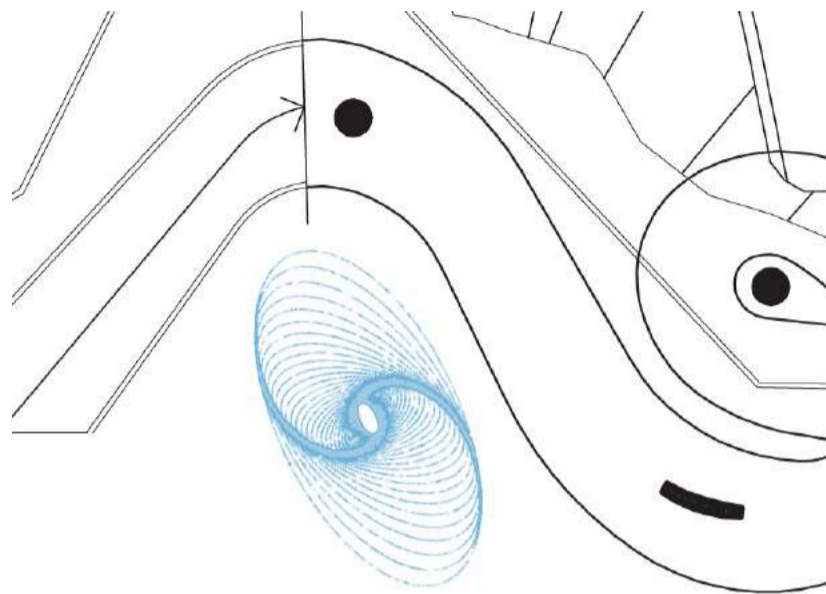
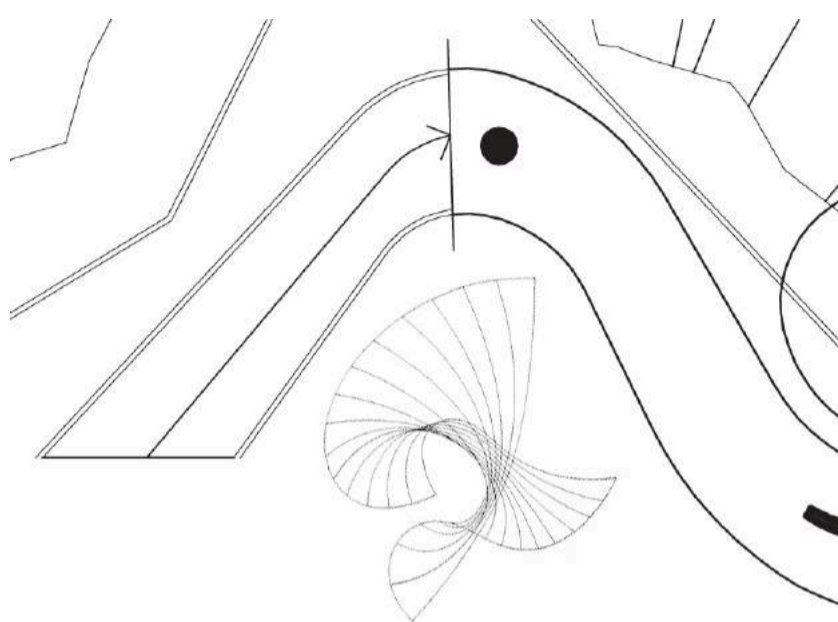
Apenas para ilustrar a questão da imagem que se forma dependendo do ponto de vista do observador:



Um mesmo conjunto de esferas de 10cm de diâmetro dispostas no piso da praça visto à partir do térreo (praça) e à partir do primeiro andar do museu.

# ESBOÇOS DA NOVA PROPOSTA

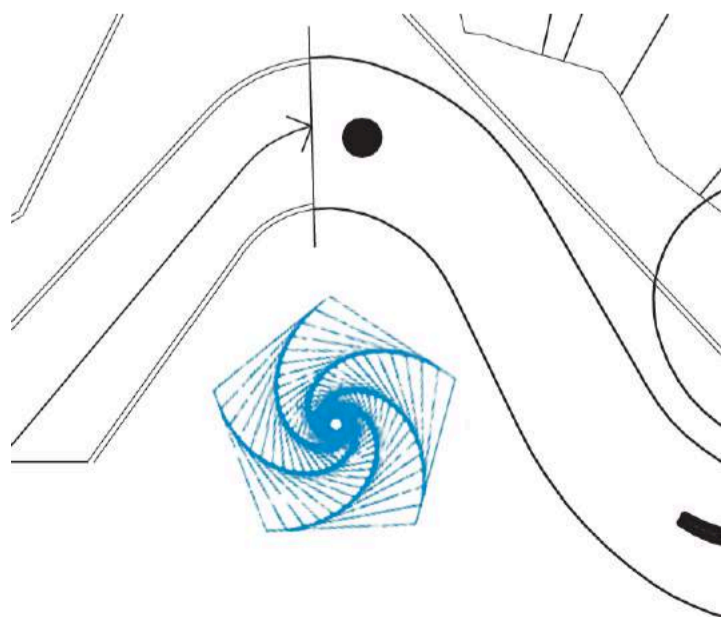
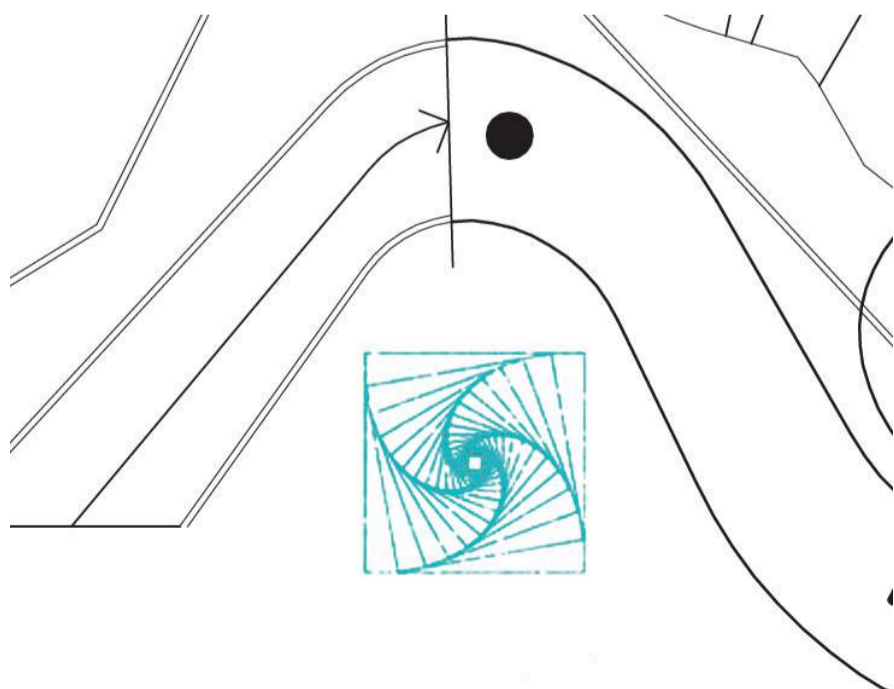
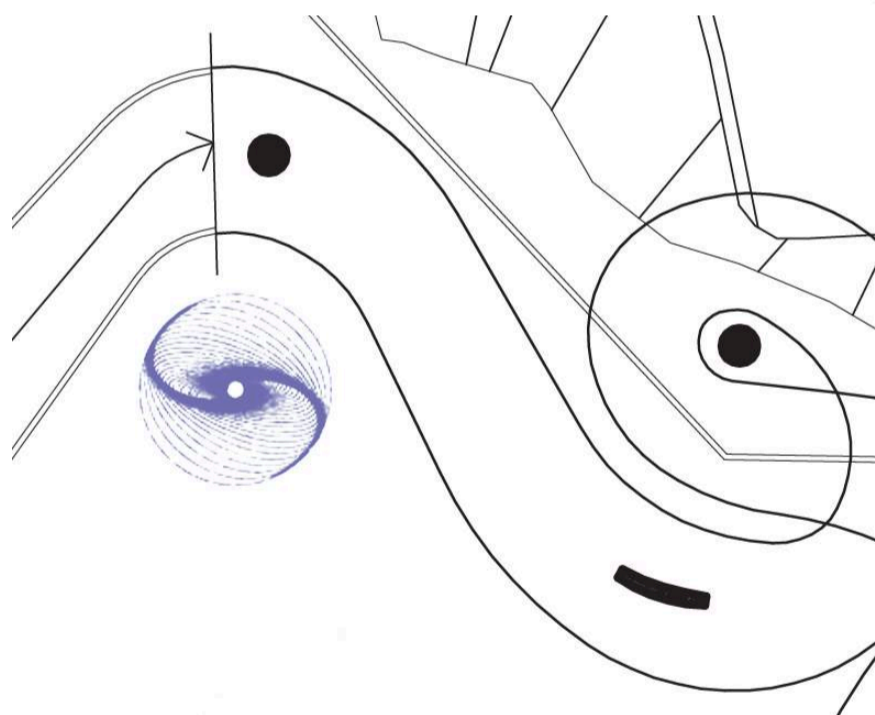
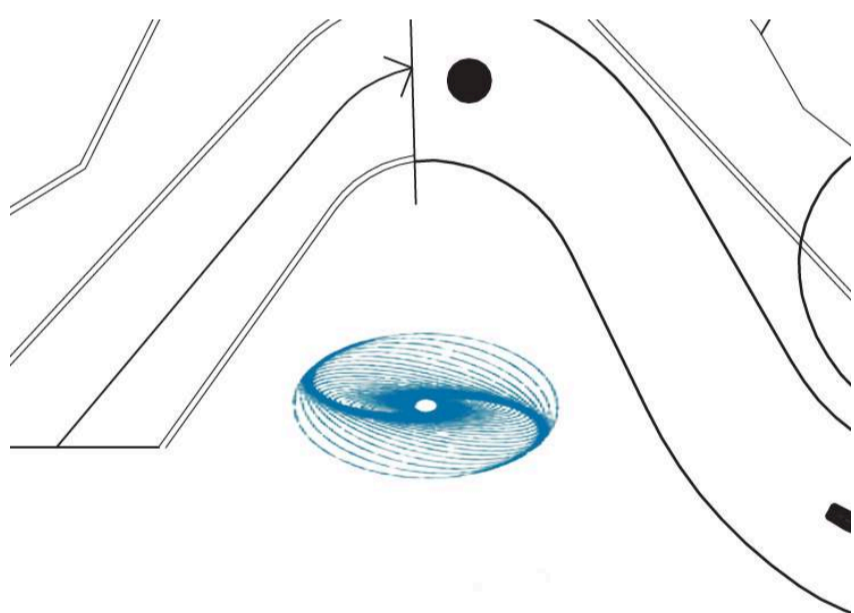
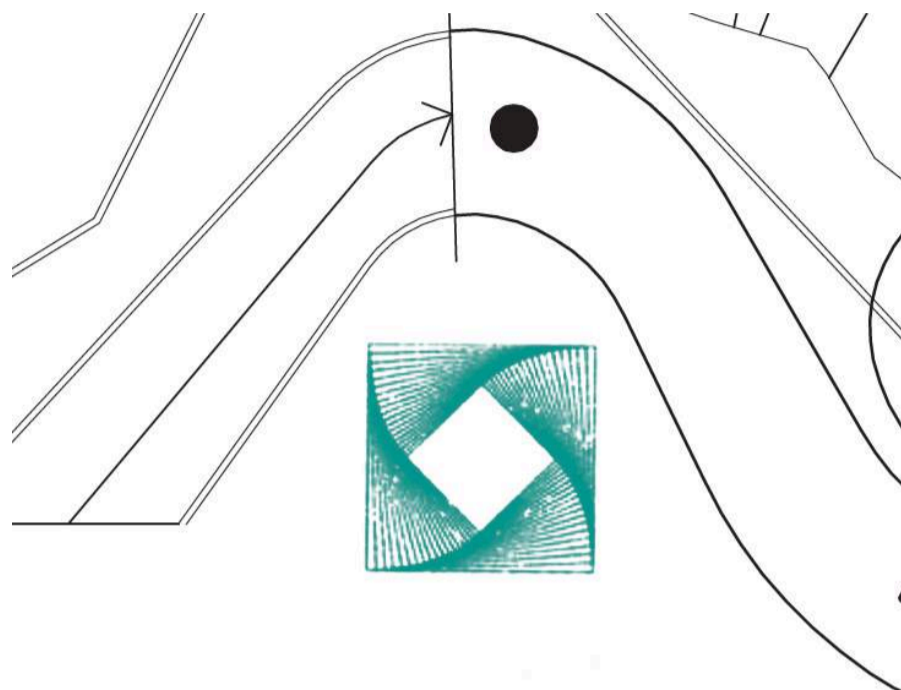
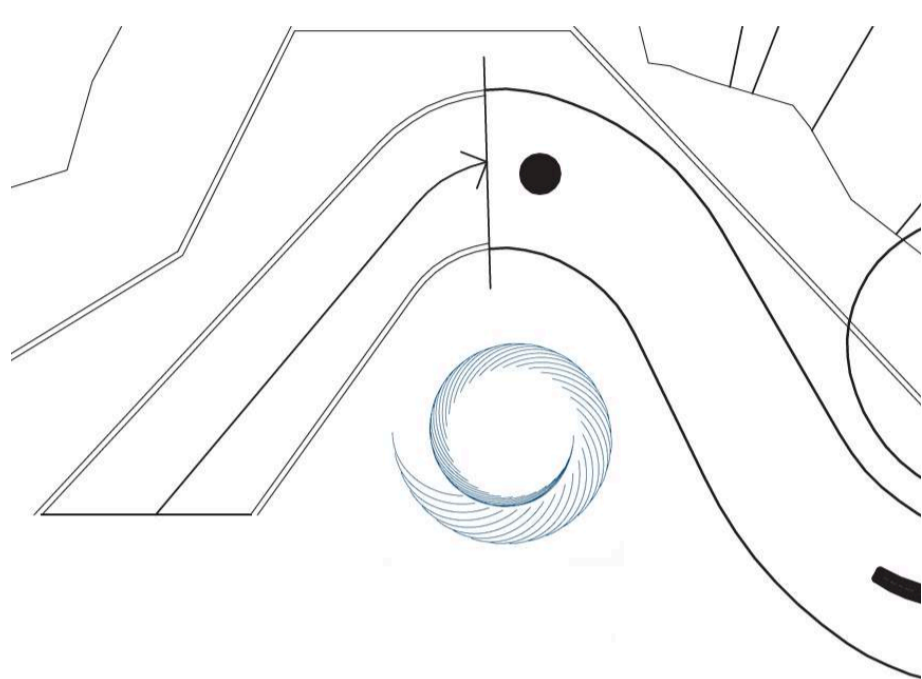
Explorar formas que remetam ao movimento/fluxo de esferas ou pessoas:





# ESBOÇOS DA NOVA PROPOSTA

Explorar formas que remetam ao movimento/fluxo de esferas ou pessoas:





# JUSTIFICATIVA

Picasso dizia que um quadro é um ser vivo, que respira:  
se puser um espelho junto a ele, o espelho fica embaciado...

Ferreira Gullar completou a frase: se não fica, deveria ficar.  
E mesmo que uma obra não respire como um animal, isso não significa que ela esteja mais longe dos organismos vivos do que do mundo mineral.

Uma obra de arquitetura será viva, ou não será arte.  
Me arrisco dizer que aprendi mais sobre arte vivendo as obras de Niemeyer em Brasília do que em livros de estética.  
Segundo ele, o espanto é a maior característica da obra de arte.

Na visita ao MAC percebi que as pessoas giram pela praça, se emocionam com o lugar, sobem e descem a rampa em busca dos melhores ângulos, fotografam e se fotografam usando a paisagem como pano de fundo. Muitas partem sem mesmo entrar no edifício.  
Sem vivenciar as obras de arte que a arquitetura abriga.

As esferas de vidro materializam sim o vapor d'água precipitado em forma de sereno que surge sobre a edificação e escorre pela rampa. Reação efêmera causada pela diferença de temperatura do ar entre a noite e o dia. Prova da relação entre a arquitetura e o lugar.

Minha indagação com a instalação parte de uma brincadeira:  
substituo em minha mente os visitantes por esferas de vidro.  
O padrão do percurso no qual se deslocam está claro para mim.  
Essa coisa viva gira, se agrupa, eventualmente colide, mas não interage.  
São pequenas bolhas que parecem ver tudo invertido.  
Contidas cada qual em seu universo. Em busca de beleza.

Gostaria de descobrir o que fazem ao sair dali. Para onde rolam, o que refletem em suas imagens virtuais. Às vezes tenho a impressão que, em nada aquela experiência etérea lhes acrescentou. Será esquecida em minutos porque se trata apenas da realidade objetiva.

Ao partir, levariam elas algo consigo além de pixels? Talvez as próprias esferas... que retiradas dali perderiam a imagem virtual daquele território específico.  
A imagem que pareciam conter se desfaz.

Seria possível materializar a memória,  
para que o agora se perpetue em termos de experiências, não de imagens?  
Buscar aquele ponto no tempo em que acontece o clique da percepção?

Fazer notar a presença do orvalho (essencial ao equilíbrio térmico que propicia toda forma de vida no planeta) antes que ele se evapore em seu ciclo perpétuo e a umidade retorne à atmosfera - é apenas uma metáfora visual. Pode ser que ele nem ocorra. Idem.

A questão é explorar o extra-campo das emoções superficiais, como seria no plano físico aquilo que ultrapassa o quadro visto através das lentes de câmeras e celulares. Só o olho nu é capaz de captar a arte além do objeto. É preciso enxergar sem as lentes e além da matéria, lenta e demoradamente para se sentir algo real ou desaparecemos nós.

# PROCURA-SE :MAIS: BELEZA



Oferta-se :mais: beleza



3:2:1



julgar



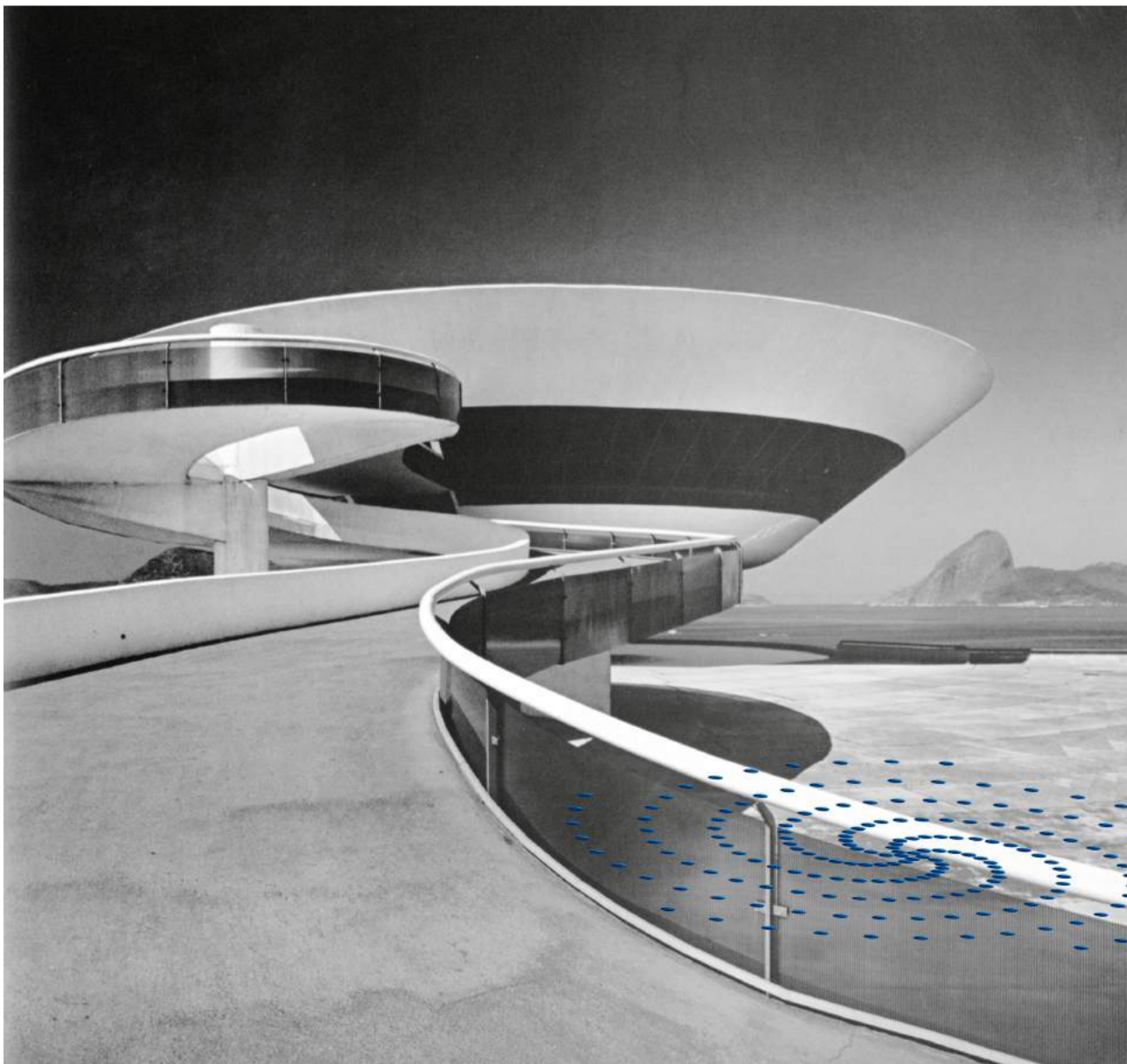
incorporar



e excluir  
ou excluir

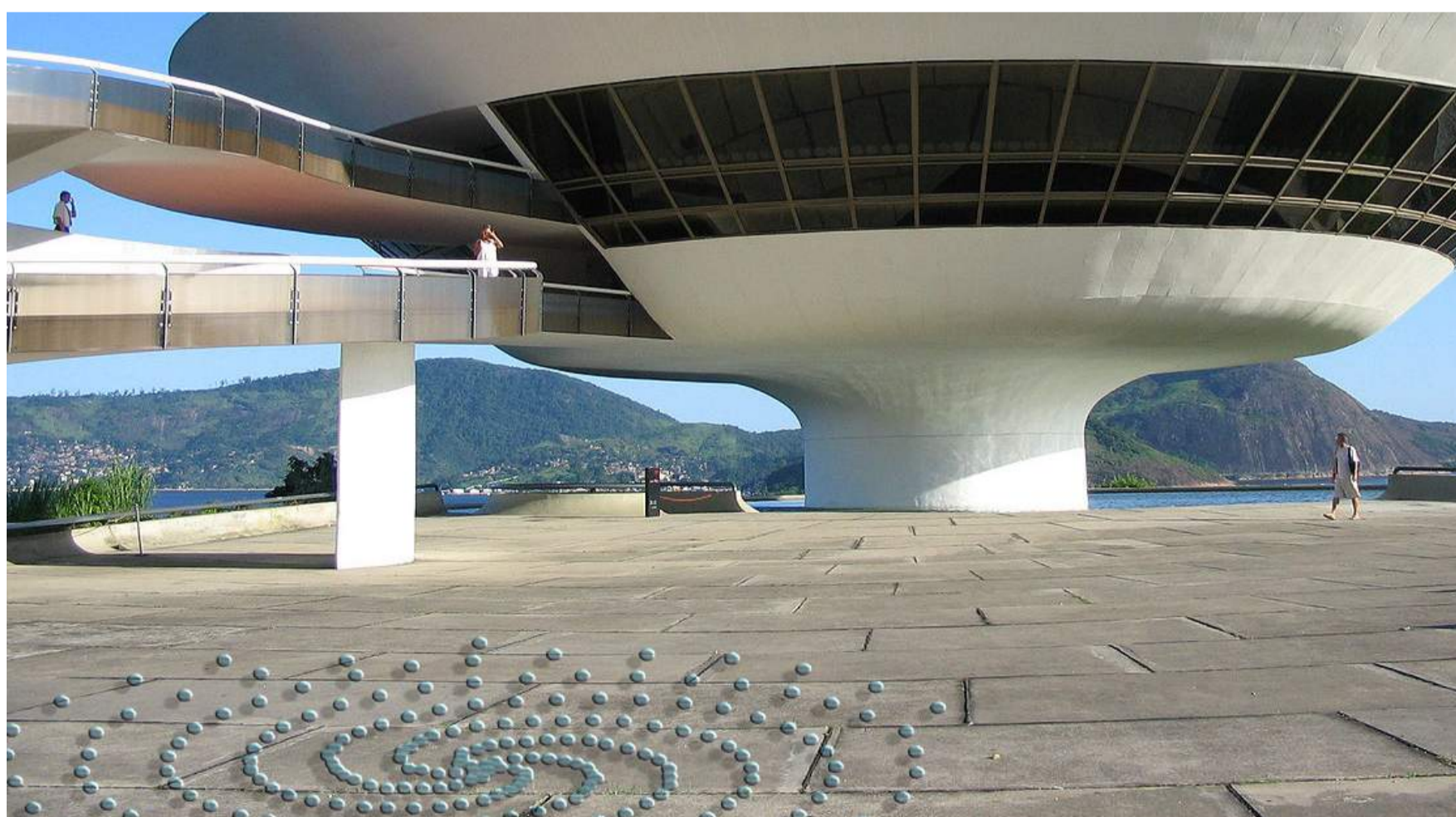


# FORMA TEMPORÁRIA





# FORMA TEMPORÁRIA





[www.patriciaborges.com](http://www.patriciaborges.com)